

Princípios

Revista teórica, política e de informação Junho/81 - Cr\$ 150,00

A Social-Democracia, Instrumento do Capitalismo

E mais: • O Revisionismo Contemporâneo Nasceu Nos Estados Unidos • Nova Expressão da Feroz Luta pelo Poder Entre os Clãs Revisionistas da China • Elevar o Nivel Ideológico — Tarefa Decisiva para o Fortalecimento da Vanguarda • O que é Democracia Popular? • Colômbia — A Verdadeira Situação do País • O Racismo Visto por Negros da África • A Produção de Açúcar e Alcool na Região Campineira • Lima Barreto e a Militância Literária.



2



EDITORA ANITA GARIBALDI

SUMÁRIO

À GUIA DE
INTRODUÇÃO... 1

A SOCIAL-
DEMOCRACIA,
INSTRUMENTO DO
CAPITALISMO
João Amazonas 3

O REVISIONISMO
CONTEMPORÂNEO
NASCEU NOS ESTADOS
UNIDOS
Enver Hoxha 11

NOVA EXPRESSÃO
DA FERROZ LUTA
PELO PODER
ENTRE OS CLÃS
REVISIONISTAS DA
CHINA
Zeri I Popullit 17

ELEVAR O NÍVEL
IDEOLÓGICO --
TAREFA DECISIVA
PARA O
FORTALECIMENTO DA
VANGUARDA
Maurício Grabois 22

O QUE É A
DEMOCRACIA POPULAR
Pequeno Dicionário
Filosófico 30

COLÔMBIA — A
VERDADEIRA SITUAÇÃO
DO PAÍS
Revolución 32

O RACISMO VISTO
POR NEGROS DA
ÁFRICA 36

A PRODUÇÃO DE
AÇÚCAR E ALCOOL NA
REGIÃO CAMPINEIRA
Paulo César 39

LIMA BARRETO E A
MILITÂNCIA LITERÁRIA
Clóvis Moura 42

**A SOCIAL-DEMOCRACIA,
INSTRUMENTO DO CAPI-
TALISMO:** João Amazonas,
veterano militante proletário,
analisa de um ponto de vista
crítico a atuação da social-
democracia, a base objetiva
de seu surgimento no país, os
canais de expressão política
por ela encontrada e a neces-
sidade de combater essa ten-
dência anti-proletária no mo-
vimento social. pg. 3



**ELEVAR O NÍVEL IDEOLÓ-
GICO -- TAREFA DECISIVA
PARA O FORTALECIMEN-
TO DA VANGUARDA.** A
atualidade deste artigo que
reeditamos, decorre do fato
de nele serem tratados proble-
mas da formação e elevação
do nível teórico e ideológico
Hoje, como há trinta
anos, é fundamental o conhe-
cimento científico do movi-
mento social. pg. 22

**COLÔMBIA: A VERDADEI-
RA SITUAÇÃO DO PAÍS.**

Este artigo expõe o ponto de
vista dos revolucionários co-
lombianos sobre a situação de
sua Pátria e denuncia a política
demagógica dos círculos diri-
gentes colombianos com o
fito de perpetuar sua domina-
ção sobre o povo.

pg. 32



**LIMA BARRETO E A MILI-
TÂNCIA LITERÁRIA.** Clóvis
Moura, neste artigo em home-
nagem ao centenário do nas-
cimento de Lima Barreto, des-
taca a criação de uma lingua-
gem nova e o conteúdo social
de seus romances, como as
maiores contribuições do es-
critor carioca à nossa literatu-
ra.

pg. 42

À Guisa de Introdução...

1 O primeiro número de *PRINCÍPIOS* alcançou sucesso incontestável. A edição praticamente se esgotou num prazo curto. Inúmeras cartas de seus leitores louvaram a iniciativa. Repercutiu também no exterior. Na França, traduziram e divulgaram alguns de seus artigos. Em Portugal, difundiram-se matérias inseridas na revista. Os albaneses saudaram o seu lançamento.

O êxito inicial é um estímulo para prosseguir na rota traçada. Incentiva e simultaneamente aumenta a responsabilidade de seus editores. O que significa cumprir o programa anunciado.

Não é fácil, porém, cumpri-lo. O estudo consciencioso da realidade brasileira à luz dos interesses do proletariado — a classe mais avançada da sociedade — exige esforço considerável. E ainda é relativamente precária a mobilização do material humano. Há igualmente pouca experiência metodológica no tratamento de problemas complexos da atualidade.

Essas dificuldades, no entanto, serão removidas no processo mesmo da execução da tarefa a que *PRINCÍPIOS* se propôs. Apesar de tudo, apresentam aspecto positivo, qual seja o de forçar os colaboradores em geral, todos nós, a investigar, a pesquisar, a aprofundar o conhecimento teórico que ilumina a prática social. Aliás, na falta de domínio em semelhante terreno encontram-se algumas das sérias debilidades constatadas na atuação dos setores de vanguarda, que conduziram e podem novamente conduzir ao subjetivismo ou à cópia mecânica de realizações levadas a cabo em ambientes distintos do nosso.

Fora de dúvida, a efetivação de nossos planos começará modestamente. Dentro de nossas possibilidades. Ao nível de nossa capacidade de discernimento em assuntos relevantes. Sem medo de incorrer em equívocos, sempre possíveis no exame de questões intrincadas.

2 O quadro mundial relacionado com a evolução da crise que afeta o sistema capitalista-imperialista como um todo define-se com nitidez sempre maior.

Em traços gerais, esse quadro confirma, na sua dimensão universal, as grandes verdades enunciadas em meados do século passado por Karl Marx e Friedrich Engels. O capitalismo estendeu-se por toda a parte, até os recantos mais retardados, inclusive onde subsistiam economias primitivas. E impôs as suas leis, a sua dominação. Em contrapartida, ampliou-se a força que nasce com ele e a ele se opõe decididamente: o operariado. "Cada vez mais a sociedade se divide em dois vastos campos inimigos, em duas grandes classes diametralmente opostas: a burguesia e o proletariado" — afirmaram aqueles sábios alemães. Desse modo, os antagonismos de classe simplificaram-se. Quem era independente, ou relativamente independente, no âmbito da economia ou das diversas profissões, foi-se tornando explorador ou explorado, empregador ou empregado — uns poucos, exploradores; a maioria, explorada.

O capital não apenas domina, internacionaliza-se em escala ascendente. Há muito já não existem economias nacionais puras, genuínas. Estão entrelaçadas num sistema mundial único, no qual preponderam os monopólios gigantes, todo-poderosos, e os potentes consórcios financeiros. Desses entrelaçamentos, resulta a espoliação desmedida da maioria da população do Globo por um punhado de parasitas insaciáveis.

Esse estado de coisas reflete-se intensamente no agravamento generalizado e profundo dos males sociais. E na identidade de métodos e políticas postos em prática por governos reacionários em distintas regiões.

De tal maneira que a informação geral sobre a situação e a orientação político-econômica de determinado país coincide plenamente com a de

muitos outros, em particular se pertencem à igual classificação de desenvolvimento econômico. Na Colômbia, por exemplo, fala-se em desaquecer a economia ("passar da fase atípica de crescimento acelerado para um estado normal de crescimento lento"); em exportar manufaturados para equilibrar a balança cambial; em "abertura" democrática acompanhada da promessa de prosseguir na tarefa de restauração procurando o bem-estar do povo...; em crescer as receitas governamentais com endividamento externo. Na Espanha, ocorre a redução dos salários reais através do aumento dos preços dos gêneros de primeira necessidade, do estabelecimento de pisos salariais decretados pelo governo ou por meio de pactos sociais, do aumento de impostos e tarifas que pesam sobre os trabalhadores, da manutenção de uma alta taxa de desemprego atuando como freio às reivindicações operárias; concede-se aos monopólios privados os fundos acumulados dos impostos e da poupança popular, incentiva-se o aumento das inversões estrangeiras; e se diz que, por muito ruim que seja o atual governo ou outro semelhante, sempre é melhor do que algo pior, o "endurecimento" fascista. Tudo como no Brasil. A mesma linguagem. O mesmo estilo governamental. A mesma falsa solução para os problemas candentes. Além disso, em qualquer lugar do mundo de hoje, a encarnação de Satanás configura-se nos comunistas, no proletariado, nos camponeses sem terra, na ralé popular. Seriam eles os perturbadores da santa paz do deus cifrão. E, por esse motivo, tampouco há sistema político burguês que prescindia de leis antigreve, antiterror, de segurança nacional, do "aperfeiçoamento" constante dos instrumentos de "defesa" do Estado... para exorcizar os demônios.

Certamente, no outro extremo da hierarquia social também operam, com identidade de propósitos, as forças progressistas. A linguagem, as ações, a estratégia e a tática assemelham-se, internacionalizam-se. Luta-se contra a carestia, contra o desemprego, contra a rebaixa dos salários, contra o domínio imperialista, contra o fascismo e os regimes reacionários. No fundo, os embates se dão entre a revolução e a contra-revolução. E se destacam, como elementos essenciais da luta, a unidade — unidade da classe operária, das forças populares e democráticas — e o desmascaramento dos oportunistas de todos os quilates.

Costuma-se dizer que o mundo é um só. Na verdade, não o é. Pelo menos no que respeita ao corpo social. Há dois mundos: o do capital e o do trabalho — o da exploração, da opressão violenta dos povos e o da luta dos trabalhadores, da rebeldia crescente das massas populares. O inimigo, sim, é um só. Por isso, qualquer que seja a forma nacional de que se revista o combate decidido dos trabalhadores, seu conteúdo é o mesmo: pôr fim ao sistema caduco, superado pela História, e abrir caminho à instauração de outra formação econômico-social que conduza a Humanidade à sociedade sem classes.

3 Com a criminalidade em aumento, o terrorismo em ascensão e a inquietude social montante, ergue-se a voz dos pregadores da não-violência. Querem desarmar os espíritos,

terminar com a agressividade que estaria dominando os homens... Como os antigos cristãos, apregoam o amor ao próximo. "Acabai com a violência e tudo será resolvido!" Sem lutas sangrentas, sem revolução...

Acontece que a violência não existe como elemento próprio da natureza humana. Ou como rutura de regras morais há muito estabelecidas. É um subproduto do sistema capitalista, que nasce usando a violência e por meio dela se mantém. Está ligada à injustiça social sempre maior, à feroz exploração da força de trabalho, à espoliação de nações inteiras por banqueiros e monopólios internacionais, à preparação de novas grandes guerras, à instauração do fascismo, filho legítimo do capital monopolista. Não desaparecerá jamais mediante a inócua pregação da paz e do amor. Mas unicamente com o emprego de outro tipo de violência, da violência revolucionária, abrindo a perspectiva do desaparecimento das classes antagônicas. "Acabai com o capitalismo e estareis forjando as condições para a verdadeira paz entre os homens!" Não corresponderia bem melhor à realidade da época que vivemos?

4 O resultado das eleições presidenciais francesas que denota, seguramente, a inclinação da grande massa do eleitorado daquele país para a esquerda, trouxe à baila o slogan pequeno-burguês do "casamento do socialismo com a liberdade". Quem andava indeciso e com grandes dificuldades de definir sua filiação ideológica e política pronunciou-se. "É esse o socialismo que eu almejo". Tais posições partem em geral dos que condenam o verdadeiro socialismo proletário, atribuindo-lhe caracteres liberticidas.

Todavia, somente o socialismo **burguês** poderá casar-se com a liberdade burguesa. Porque não é socialismo, nem a liberdade capenga e unilateral vai além dos limites permitidos pelos interesses capitalistas. Acaso essa liberdade possibilita a expropriação dos expropriadores? O confisco do capital monopolista em benefício do conjunto da sociedade? A liquidação do monopólio da terra? A transformação radical dos órgãos repressivos do Estado? Democracia em geral não existe. Ela tem um conteúdo preciso de classe — é burguesa ou proletária. A essência do Estado, de onde emana a liberdade política, é sempre uma ditadura de classe, seja da burguesia, seja do proletariado. Por isso, o socialismo científico **proletário** se casa com a democracia **proletária**. O que significa liberdade para os antigos explorados e oprimidos; e forte restrição aos direitos dos velhos exploradores e opressores. Liberdade para o povo destruir a máquina da opressão secular e construir uma nova vida sem capitalistas nem latifundiários.

Em certas condições, as liberdades democráticas devem ser defendidas e garantidas pela luta das massas. É sempre útil a sua existência no regime de classes contrapostas. Mas que não se confunda, nem se identifique com a verdadeira liberdade no autêntico socialismo. Nem se imagine possível chegar à emancipação social através das eleições, do parlamentarismo, do mitterandismo francês.

Extravagante conúbio esse do socialismo com a liberdade, nos marcos da sociedade capitalista... ●

A Social-Democracia, Instrumento do Capitalismo

João Amazonas

O autor, veterano dirigente proletário, analisa de um ponto de vista crítico a atuação da social-democracia, a base objetiva de seu surgimento no país, os canais de expressão política por ela encontrada e a necessidade de combater esta tendência anti-proletária no movimento social.

Em sua luta pela transformação da sociedade, o proletariado, como a única força capaz de realizá-la, depara-se com inúmeros obstáculos. Um dos mais resistentes e enganadores, por suas características peculiares, é a social-democracia, corrente política de longa atuação nos meios operários. Com designações várias — social-democrata, trabalhista, socialista e, mais recentemente, comunista-revisionista —, tem como fundamento o reformismo, a colaboração de classes, em última instância, a preservação do sistema capitalista.

No Brasil, o social-democratismo encontrou dificuldades para se estruturar. Não porque inexistisse a concepção reformista da luta social, mas por carência de bases ideológicas definidas e também de certas condições objetivas. As tentativas empreendidas malograram. Atualmente procura implantar-se no país, em especial através do intitulado Partido dos Trabalhadores que, apesar do nome, não representa os interesses básicos do proletariado.

O exame dessa variedade de oportunismo, tanto no campo político como no teórico, contribuirá para esclarecer setores equivocados acerca do significado da social-democracia como óbice à concretização dos ideais libertadores da classe operária e dos povos oprimidos.

ORIGEM DA SOCIAL- DEMOCRACIA

A social-democracia nasceu como corrente revolucionária. Surgiu depois que o marxismo



João Amazonas

derrotou, no campo ideológico, o proudhonismo e o lassalismo, concepções anarquistas e pequeno-burguesas que predominavam no movimento operário dos meados do século XIX até a Comuna de Paris.

Passo a passo, nos países economicamente desenvolvidos, criaram-se novos partidos proletários, baseados na doutrina marxista, para lutar contra a burguesia, por uma democracia social. Veio daí a sua designação. Em 1889, agruparam-se na II Internacional. Marx

e Engels acompanharam com atenção o surgimento de tais partidos, procurando imprimir-lhes um nítido caráter de classe, vigilantes contra os remanescentes de idéias adversas da fase anterior.

“Dessa traição aos interesses cardeais do proletariado e da renúncia aos postulados revolucionários do marxismo, nasceu a corrente social-democrata contemporânea.”

Essas novas organizações de combate dos trabalhadores obtiveram, em curto prazo, importantes êxitos. Difundiram os ideais dos fundadores do socialismo científico, contribuíram para a elevação da consciência política do proletariado. Suas fileiras ampliaram-se. Em diversos pleitos eleitorais alcançaram sucessos consideráveis. Na Rússia, o Partido Social-Democrata, filiado à II Internacional, dirigiu a revolução de 1905, que trouxe valiosos ensinamentos. Também na Bulgária, a vanguarda operária tomou parte na sublevação popular desse mesmo ano.

Ao aproximar-se a guerra de 1914/18, a II Internacional e os partidos que a compunham repudiaram, no Congresso Socialista Internacional de Basiléia (Suíça), de 1912, e no Congresso Social-Democrata alemão desse ano, o conflito bélico que se avizinhava. Indicaram, em suas resoluções, a tática a seguir: aproveitar a situação revolucionária criada pela guerra para “estimular o povo e precipitar a derrocada do capitalismo”.

Contudo, aqueles partidos ainda não haviam chegado a assimilar completamente os métodos revolucionários da luta de classes, pois atuaram num período de evolução relativamente pacífica. Sua base ideológica, marxista, não estava consolidada. Além das concepções reformistas subsistentes, a maioria deles não se desprendera totalmente dos preconceitos nacionalistas burgueses, embora propagassem a legenda de Marx: *Proletários de todos os países, uní-vos!*

Dessa forma, quando começou o entrelaço das armas imperialistas, tais partidos (com exceção do Partido Bolchevique) e a II Internacional, puseram de lado as resoluções de Basiléia, aderiram à burguesia de seus países.

Kautsky, o mais destacado dirigente e teórico do movimento operário de então, procurou

justificar essa adesão criminoso. Considerou que, se bem a guerra “no fim de contas (fosse) imperialista” era também uma “guerra nacional”. Segundo ele, as classes dominantes revelavam, nesse confronto armado, tendências imperialistas, mas o povo e as massas proletárias manifestavam aspirações nacionais. Com semelhante sofisma, apoiou a guerra injusta em contraposição às decisões de 1912, nas quais se afirmava ser um crime os operários “dispararem uns contra os outros em benefício do capitalismo”. Todas as demais seções da II Internacional tomaram posições chauvinistas. Enfileiraram-se ao lado dos belicistas e opressores dos seus e de outros povos.

Assim procedendo, a II Internacional afundou-se irremediavelmente.

Dessa traição aos interesses cardeais do proletariado e da renúncia aos postulados revolucionários do marxismo nasceu a corrente social-democrata contemporânea. Os partidos que a integram converteram-se em “partidos operários nacional-liberais”. Ao mesmo tempo, ressurgiu o movimento operário revolucionário, marxista-leninista, com a criação dos Partidos Comunistas, que fundaram, em 1919, a III Internacional.

MOVIMENTO BURGUEÊS, A SOCIAL-DEMOCRACIA CONTEMPORÂNEA

Os interesses fundamentais da classe operária estão na sua total libertação do sistema de escravidão assalariada, somente possível com a derrocada do capitalismo, através da revolução, e a edificação de uma vida socialista. Este objetivo exige a construção de um partido de luta de classes, armado com a teoria do movimento emancipador do proletariado, o marxismo-leninismo. Ele é o fator essencial para imprimir uma correta direção a essa luta, forjar a unidade dos trabalhadores, educar e mobilizar o proletariado, conscientizando-o de sua missão histórica. Tudo que sirva para retirar a classe operária dessa perspectiva, ajuda à burguesia. Não há meio termo. Ou o proletariado segue o seu próprio caminho, da luta sem quartel contra a classe exploradora, ou o caminho da burguesia, da conciliação de classes, da harmonia impossível de interesses entre o capital e o trabalho; ou constrói um partido da revolução ou um partido das reformas sociais que, em si mesmas, não visam a substituição do capitalismo, mas simplesmente aperfeiçoar as leis trabalhistas e melhorar as condições de vida dos explorados.

Nesse contexto, a social-democracia contemporânea apresenta-se como um movimento de caráter burgueês no seio do proletariado,

tentando esquivar a solução revolucionária. Arma de engodo e divisão dos trabalhadores, tem por base social a aliança de uma parte dos operários (em geral da aristocracia semipequeno-burguesa da classe operária) com a burguesia, contra os interesses fundamentais do proletariado. Sua atitude no decurso da I Guerra Mundial não foi simples equívoco, mas uma tomada de posição definitiva ao lado e em prol dos exploradores, a adoção do oportunismo como o substrato de suas ações e objetivos.

Em sua atividade, exalta a precária e limitada democracia burguesa, pregando o advento do socialismo através de eleições e do parlamentarismo. Guia-se pela conciliação de classes e pratica o pluralismo sindical. Seu alvo predileto é o combate sistemático ao verdadeiro partido da classe operária, tudo fazendo para dificultar a consolidação e a ampliação de sua influência entre as massas.

“Em várias oportunidades, a social-democracia, por temor à revolução, abriu caminho para o fascismo ou para a direita mais conservadora.”

A prática de várias décadas comprova a orientação oportunista e traidora que segue. Quase todos os partidos dessa tendência já estiveram ou se mantêm no poder. E o que fizeram? O Partido Socialista da França, por exemplo, esteve no governo na época da guerra contra a Argélia. Um de seus dirigentes, François Mitterand, na condição de ministro do Interior, tornou-se rancoroso carrasco do povo argelino em luta pela independência nacional; o Partido Trabalhista Inglês ocupou, diversas vezes, o posto de comando do Império Britânico, administrando a contento os interesses da comunidade imperialista inglesa; o Partido Social-Democrata da Suécia conservou-se à frente do governo durante cerca de quarenta anos, contribuindo para a “prosperidade” do capitalismo; na Itália, na Bélgica, na Noruega, na Holanda, na Dinamarca, também partidos desse tipo ocuparam pastas ministeriais. Na Alemanha Ocidental, que conta atualmente um milhão de desempregados, os sociais-democratas governam há bastante tempo, recorrendo freqüentemente a métodos repressivos de tipo fascista, como a liquidação de prisioneiros políticos nos cárceres. Todos eles aperfeiçoaram-se na técnica de gerir negócios da burguesia. Nenhum liquidou a escravidão assalariada, nenhum pôs termo às mazelas do capitalismo, nenhum conduziu o proletariado ao socialismo científico.

Sobretudo nas épocas de crise, contiveram as massas operárias e levaram-nas a conformar-se com o desemprego, com a rebaixa dos salários e a supressão de muitas de suas conquistas. Auxiliaram os capitalistas a remover suas dificuldades à custa dos trabalhadores. É aliás, a política que hoje realizam na Europa, com mais de dez milhões de desempregados, onde a carestia de vida aumenta sem cessar, bem como as taxas de impostos que recaem sobre os assalariados.

Em várias oportunidades, a social-democracia, por temor à revolução, abriu o caminho para o fascismo ou para a **direita** mais conservadora. Hitler chegou a dominar o Reich graças à covardia da social-democracia alemã, que preferiu o tirano da cruz gamada à frente-única com os comunistas contra o hitleirismo. Recentemente, o Partido Trabalhista Inglês e o Partido Social-Democrata da Suécia favoreceram, com sua orientação titubeante e ineficaz, a vitória do conservadorismo mais empedernido. Em Portugal, os socialistas de Mário Soares, juntamente com os revisionistas de Álvaro Cunhal, facilitaram o avanço da direita fascistizante. Na Espanha, o Partido Socialista Operário é um dos braços fortes da monarquia herdada do franquismo. A reboque do Rei, deixa o campo livre aos militares reacionários e golpistas.

Desmascarada como reduto camuflado da burguesia no seio do proletariado, a social-democracia perdeu influência, enquanto cresceu o movimento revolucionário da classe operária que, às vésperas e depois da II Guerra, representava poderosas forças, atuando de forma independente e com suas próprias bandeiras socialistas.

Embora desgastada, a social-democracia não desapareceu. Sua tendência atual é fazer-se cada vez mais contra-revolucionária, fenômeno, em certo sentido, inevitável. Porque a burguesia se torna mais monopolista e exploradora, agressiva e fascistizante, procedimento que se reflete na conduta de seus agentes nos meios operários. Seu principal ponto de apoio, hoje, está na Alemanha Ocidental, onde governam os Willy Brandt e Helmut Schmidt, velhos “pelegos” e serviços da reação.

Nesta fase de crise geral do capitalismo e de descontentamento generalizado do proletariado e das massas populares, a social-democracia alemã, de braços dados com o imperialismo norte-americano e o Vaticano, trata de criar novos partidos social-democratas nos países de certo desenvolvimento capitalista, em particular naqueles onde a revolução amadurece e os regimes ditatoriais entram em decomposição. Isso ocorreu em Portugal, na

Espanha e na Grécia. No Irã chegou tarde, quando a insurreição já havia ganho as ruas. De igual modo, procede na América Latina, buscando contato direto com líderes populares e operários. Estimula, financia, dá cobertura, fornece experiências. Esses novos partidos a ela ligados visam não apenas desviar a classe operária do seu caminho. Servem também de apoio indireto à penetração do capital germânico, sabido que os investimentos alemães, como os do Japão, vêm logo depois dos norte-americanos, nos países dependentes.

A par da antiga forma social-democrática, configurou-se, no plano mundial, outra versão dessa corrente oportunista.

NOVA VERSÃO E REFORÇO DA SOCIAL-DEMOCRACIA

Em meados da década de 50 operou-se profunda divisão do movimento operário e comunista internacional. Em certo sentido, repetiu-se o fenômeno de 1914/18, que deu nascimento à social-democracia atual e impulsionou o reagrupamento dos partidos marxistas-leninistas. Com um agravante: a União Soviética abriu o caminho aos inimigos disfarçados da revolução e do socialismo. O marco separatório foi o XX Congresso do PCUS, em 1956. Ali se pregou nova linha para o movimento operário, a linha do caminho pacífico, da competição pacífica e da coexistência pacífica, basicamente as mesmas posições da social-democracia. Em aparência, conservavam-se os princípios, falava-se em marxismo-leninismo. As mudanças seriam tão-somente frutos da “nova época” ... que, entretanto, permanecia imperialista. Na realidade, não se fazia mais do que assumir a falsa e hipócrita posição da qual Lênin acusava os social-democratas quando de sua traição no curso da I Guerra.

“... tanto as organizações sindicais social-democratas como as que se acham em mãos dos revisionistas, trabalham na mesma direção: conter a luta do proletariado e ajudar a burguesia a sair da crise.”

Dizia o chefe do Partido Bolchevique que os desertores social-democratas não eram senão continuadores do **struvismo**. “O **struvismo** — sublinhava ele — não é apenas uma tendência russa (burguesa), mas também, como o demonstram com particular evidência os últimos acontecimentos (referia-se ao período de

1914/18), a aspiração internacional dos teóricos da burguesia de matar o marxismo ‘abrandando-o’, de asfixiá-lo com um abraço apertado, reconhecendo em aparência ‘todos’ os aspectos e elementos ‘verdadeiramente científicos’ do marxismo, salvo o seu lado ‘agitador’, ‘demagógico’, e ‘utópico blanquista’.” E acrescentava: “Em outros termos, tomam do marxismo tudo que é aceitável para a burguesia liberal, até a luta por reformas, até a luta de classes (sem ditadura do proletariado), até o reconhecimento ‘geral’ dos ‘ideais socialistas’ e a substituição do capitalismo por ‘um novo regime’, deixando de lado ‘somente’ a alma viva do marxismo, ‘somente’ seu espírito revolucionário”.

De fato, os partidos outrora comunistas, marxistas-leninistas, ao aderir ao revisionismo kruschoviano, passam a destacar do marxismo apenas aquilo que convém à burguesia. Têm como característica principal o reformismo, a conciliação de classes. Seu anelo maior (nos países onde domina o capitalismo na sua forma clássica) é chegar ao Poder burguês e administrar os negócios dos capitalistas, em colaboração com os que o servem, recolhendo dessa colaboração algumas migalhas para a classe operária a fim de mantê-la “comportada”, inativa, sem perspectiva.

Muitos são os exemplos. O Partido Comunista Italiano, de Berlinguer, querendo ganhar as boas graças da burguesia da Itália e a confiança do imperialismo norte-americano, a fim de ocupar postos no governo, despede-se de todos os adornos revolucionários e advoga o “compromisso histórico” de manter-se fiel às instituições burguesas, em detrimento dos interesses essenciais do proletariado. O mesmo faz o Partido Comunista de Santiago Carrillo, na Espanha, que chega a converter-se em pilar da monarquia, contra os ideais republicanos do povo espanhol. Na França, o Partido revisionista de Georges Marchais empenha-se na aliança com Mitterrand, na esperança de alcançar postos governamentais. Em Portugal, o Partido de Álvaro Cunhal aproxima-se de generais reacionários, tentando encontrar uma ponte para o retorno ao governo. Vários desses partidos, em sua evolução conciliadora, abjuram publicamente a idéia da ditadura do proletariado, da violência revolucionária, até mesmo a declaração formal de que se orientam pelo marxismo-leninismo. As poderosas organizações sindicais que obedecem à sua orientação transformam-se, como as organizações sindicais social-democratas, em anteparo das ações combativas das massas, em freio às iniciativas mais audazes da classe operária. Na crise atual em que vive o mundo capitalista,

tanto as organizações sindicais social-democratas, como as que se acham em mãos dos revisionistas, trabalham na mesma direção: conter a luta do proletariado e ajudar a burguesia a sair da crise.

Não obstante, devido às posições anteriores ao lado da União Soviética, que hoje disputa com os EE.UU., o domínio do mundo, e por suas recentes origens, os partidos do revisionismo contemporâneo não merecem ainda crédito suficiente para ocupar funções de governo. Constituem uma reserva da burguesia para utilização futura, provavelmente num momento de crise revolucionária. Por enquanto, são pontos de apoio dos governos reacionários no seio das massas, no Parlamento e noutras instituições.

Essa traição dos revisionistas ao movimento operário vem reforçar o social-democratismo como doutrina e prática anti-socialista, contra-revolucionária. Evidentemente, a social-democracia, em suas distintas versões, constitui no presente o instrumento principal da burguesia visando impedir o progresso social, conter a revolução e sustentar o regime capitalista em declínio.

A SOCIAL-DEMOCRACIA NO BRASIL

Até algum tempo atrás, a social-democracia não chegara a vingar no Brasil. Em certo sentido, não existiam condições objetivas para isso. Era débil o desenvolvimento capitalista. A luta social não lograra alcançar nível muito elevado, apesar da existência do Partido Comunista, desde 1922. Esse tipo de luta, ainda no início, sofria violenta repressão. Os sindicatos viviam perseguidos, proibia-se a atuação de partidos operários ou ligados à classe operária. Por fatores diversos as idéias da luta social, os livros marxistas tinham circulação restrita. O movimento político de maior expressão, em virtude das condições particulares de país dependente e atrasado, tomava caráter democrático ou nacional-libertador.

A partir de 1930, a luta social adquiriu impulso novo. Mas, boa parte do proletariado orientou-se para o reformismo. Vargas foi o estimulador dessa tendência. Chegou a decretar a participação de uma bancada "classista", eleita pelos sindicatos reformistas, para integrar a Assembléia Nacional Constituinte de 1934. Por seu turno, aumentou consideravelmente a influência do Partido Comunista do Brasil, que dirigiu poderosas greves e organizou o movimento revolucionário da Aliança Nacional Libertadora.

Até o imediato após-guerra (1945), a social-democracia, como corrente política definida, não conseguiu tomar forma orgânica. O Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), surgido em 1945 e criado, como declarou o seu fundador, Getúlio Vargas, para impedir que o proletariado aderisse em massa ao PC do Brasil, não chegou a ser social-democrata propriamente dito. Foi mais um partido reformista, popular e nacionalista, com latifundiários e burgueses em sua direção. As primeiras manifestações da corrente social-democrata surgiram com o chamado Partido Socialista, que existiu até 1964. Todavia, esse partido não conseguiu penetrar na classe operária, limitou-se a camadas pouco expressivas da pequena burguesia.

“... emergiu uma camada de trabalhadores melhor remunerados que constitui, pelas condições de vida e mentalidade, aquilo que pode se chamar de aristocracia operária. Objetivamente, criaram-se condições para a formação de partidos social-democratas.”

Tentativa mais séria ocorreu nos fins dos anos 50, com o abandono pelo partido, dirigido por Luiz Carlos Prestes, das posições revolucionárias do marxismo-leninismo e a aceitação das teses revisionistas do PCUS. Esse partido converteu-se, objetiva e subjetivamente, numa organização de tipo social-democrata. Mas, com a implantação da ditadura em 1964, que aboliu e perseguiu indiscriminadamente os movimentos políticos no país, não pôde levar adiante, abertamente, a pregação social-democrática que vinha realizando entre os trabalhadores. Desintegrou-se em grande parte, durante a fase terrorista da ditadura. Além do mais, reorganizou-se, em 1962, o PC do Brasil, que realizou intensa luta ideológica de desmascaramento do revisionismo, alertando a classe operária e as massas populares para o desvio oportunista que se manifestava nas hostes do prestismo.

Entretanto, nestes últimos quinze-vinte anos, o Brasil passou por um relativo desenvolvimento capitalista, embora de caráter dependente. Aumentaram consideravelmente as forças da classe operária e acentuaram-se mais ainda as contradições sociais. Simultaneamente com o aumento quantitativo do

proletariado, emergiu uma camada de trabalhadores melhor remunerados que constitui, pelas condições de vida e mentalidade, aquilo que se pode chamar de aristocracia operária. Objetivamente, criaram-se condições para a formação de partidos social-democratas.

Por isso, quando a ditadura começou a evoluir para um regime menos rígido, despontaram as iniciativas dessa natureza. Brizola, no exterior, foi procurado pela social-democracia alemã e iniciou conversações nessa área. Aos experientes empulhadores da classe operária da Alemanha Ocidental, pareceu-lhes que o ex-governador do Rio Grande do Sul, com o seu trabalhismo e o prestígio que desfrutava entre as massas até 1964, seria o homem ideal para realizar aquela tarefa. E foi arvorando a bandeira da social-democracia alemã que ele realizou contatos políticos com seus correligionários na Europa e retornou do exílio. Mas o antigo PTB (depois PDT), travestido de social-democrata, não empolgou as massas trabalhadoras. O prestígio popular de seu líder decaiu com a renegação das posições passadas e com a sua evidente aproximação do governo militar. O PDT, ex-PTB, não chega a ser nem mesmo o partido populista e nacionalista que fora antes.

Também os revisionistas, agora divididos em duas alas, ambas social-democratas, uma (representada por Prestes) mais ligada à União Soviética e a outra, aos eurocomunistas, igualmente em contato cordial com os traidores do Crêmlin, empenham-se em fortalecer-se no país. Estão, porém, bastante desgastados e desmoralizados em vista do fracasso de sua política na época de Goulart. Apóiam-se, entre os trabalhadores, em antigos pelegos. A ala eurocomunista, que controla o PCB, defende uma política vergonhosa de conciliação, de respaldo ao governo Figueiredo, de elogios às Forças Armadas reacionárias, de moderação das lutas do povo. Tudo isso não lhes dá muita chance de progredir, apesar do apoio que recebem da burguesia em todos os terrenos.

A esperança maior da social-democracia no Brasil reside, atualmente, no Partido dos Trabalhadores, dirigido pelo metalúrgico Luiz Inácio da Silva.

UM PARTIDO FALSAMENTE PROLETÁRIO

Um partido não pode ser considerado operário simplesmente por sua composição social ou pela origem proletária de alguns de

seus dirigentes, ou mesmo de todos eles. Nenhum partido é tão densamente constituído de operários como o Partido Trabalhista Inglês. E, todavia, não passa de um partido burguês. O que caracteriza socialmente qualquer partido é, acima de tudo, a sua ideologia e, também, a vinculação com a classe que representa, a par da predominância de elementos dessa classe em suas fileiras.

Ora, o Partido dos Trabalhadores não adota a ideologia do proletariado, ao contrário, a repudia. As idéias defendidas pelo seu principal dirigente, embora expressas numa linguagem obreirista, nada têm a ver com os interesses básicos da classe operária. Em essência, o PT é um partido tipicamente social-democrata.

Surge com a reorganização partidária promovida pela ditadura, que veda de forma categórica a legalização do Partido Comunista do Brasil e de outras forças de esquerda, admitindo, porém, a criação de um partido daquele tipo. É significativo o fato de que, na época, havia "empresários e gente do governo querendo criar um partido de trabalhadores".

Seus antecedentes acham-se na poderosa greve de São Bernardo que mobilizou amplas massas operárias das indústrias automobilísticas, e teve larga repercussão em todo o país. Luiz Inácio da Silva dirigiu com êxito essa greve. De uma hora para outra destacou-se no cenário nacional, em particular, em São Paulo.

Estranhamente, viu-se incensado por governantes e pela burguesia. Delfim Netto disse que "Lula era a coisa mais maravilhosa que aconteceu nos últimos tempos". Petrônio Portela, articulador da pretensa **abertura** de Figueiredo, recebeu-o e depois declarou que "a partir de hoje passarei a defender algumas das teses que você me trouxe". Logo após mereceu o "apoio de Dilermando", general-comandante do II Exército. Ruy Mesquita, proprietário do "Estadão" e do "Jornal da Tarde", órgãos de imprensa conservadora, falou na "castidade ideológica do Lula" e asseverou que "pela primeira vez na história do sindicalismo brasileiro surge um líder sindical em estado de pureza".

Até março de 1978, Luiz Inácio faz questão de ressaltar que é apolítico e prefere "preparar a classe trabalhadora para saber optar". Porém, não demora muito a se definir pela organização de um partido político, o chamado Partido dos Trabalhadores.

Quais as idéias que caracterizam a fisionomia do PT?

Elas encontram-se fragmentadas numa série de declarações de seu fundador. Declarações

contraditórias e estapafúrdias, mas com um sentido real do que pensa e pretende esse líder sindicalista. Vão desde o economicismo estéril até os elogios (em geral) às Forças Armadas e a admiração da “disposição, força e dedicação” de Hitler.

“O Partido, para Luiz Inácio, não deve previamente definir sua feição ideológica.”

Embora afirme ser a proposta do PT “praticamente socialista” (singular proposta socialista!), defende “a livre iniciativa no campo econômico” que considera “a essência da democracia”. Segundo ele, “deve haver o direito de produzir e lucrar” e também o de “os trabalhadores exigirem sua participação em parte desses lucros”, dois direitos bastante desiguais porque um é o de explorar e o outro, o de ser explorado (somente que com melhor remuneração). Propugna o “equilíbrio entre o capital e o trabalho” como requisito indispensável “à paz social”. Quer que os empresários nacionais “entendam que os trabalhadores não têm só que sobreviver, mas têm que comer bem para continuar produzindo e **poderem dar até mais lucros para as empresas**” (o grifo é meu, JA). Tais idéias não vão além do liberalismo burguês. Porque o interesse do proletariado é acabar com a escravidão assalariada e não apenas reclamar melhores condições de vida. A “essência da democracia” não está na livre iniciativa, sobretudo na época dos monopólios, mas na natureza de classe do regime dominante. Quanto à **paz social** no sistema capitalista, outra coisa não é senão a colaboração de classes. A burguesia e o proletariado estão numa espécie de guerra permanente: uma, buscando aumentar a **mais-valia**, o lucro sempre maior, e outro, resistindo à exploração. O meio termo não existe.

O Partido, para Luiz Inácio, não deve previamente definir sua feição ideológica. Que as massas, pela própria experiência, a definam... Depois de lançar um programa genérico, quer que elas mesmas descubram “se são ou não socialistas ou comunistas”. E o tipo de sociedade a construir terá de ser, segundo ele, delineado espontaneamente pelos trabalhadores. Estranho partido! Um partido sem norte, que vaga ao sabor dos acontecimentos. Um partido seguidista, oportunista. A definição ideológica e o plano de sociedade a edificar, num partido operário, são produtos de uma consciência socialista que não surge de maneira espontânea das relações entre patrões e operários. Sem consciência socialista, a classe operária não tem condições de formular seu projeto de liber-

tação social. O Partido é o fator consciente do movimento operário. Parte inseparável das massas trabalhadoras e apoiado na teoria revolucionária, é ele quem elabora as questões essenciais da luta de classes, quem fixa as metas a alcançar, sendo a mais importante a derrocada do capitalismo e a construção do socialismo, sob a direção do proletariado.

No que respeita à ação, Luiz Inácio dá prioridade à luta econômica dos operários contra os empresários e o governo, colocando em segundo plano a ação política da qual depende, em boa parte, a solução dos problemas que afligem os trabalhadores. “Algumas pessoas — afirma — imaginam que deve haver a redemocratização para haver uma liberdade sindical, uma modificação na estrutura sindical brasileira”. E indaga: “Quem disse que primeiro não tem de haver a briga do trabalhador pela modificação da estrutura sindical, para haver a democratização?” “Para nós — sublinha — democracia é liberdade sindical e a partir daí (...) alcançaremos uma democracia plena”. Chega ao ponto de considerar que o fim do AI/5 “não tem nenhum interesse para a classe trabalhadora”. Como se vê, são opiniões próprias dos “economicistas”, com ranço proudhonista, daqueles que não compreendem, ou não querem entender, o papel fundamental da luta de classes precisamente no campo político, onde se confrontam as diversas forças da sociedade, envolvendo o problema chave do poder. Liberdade sindical no Brasil, pela qual se deve pugnar, é inseparável da conquista da liberdade política, sem a qual o proletariado não conseguirá libertar verdadeiramente suas organizações de massas da camisa-de-força do controle governamental e policial.

Em seu retorno ao país, após uma propagandeada excursão pela Europa e Estados Unidos, no decorrer da qual encontrou-se com o que há de mais reacionário, anticomunista e oportunista, inclusive com os social-democratas alemães, Luiz Inácio revelou claramente as tendências políticas e ideológicas com as quais guarda afinidades. Seu ideal é a social-democracia. “Para mim — disse ele — o sindicalismo alemão e o sueco são os que se aproximam daquilo que eu gostaria que existisse aqui”. (Um sindicalismo **amarelo**, reformista, de colaboração de classes...). Mereceu-lhe igualmente rasgados elogios o tristemente célebre Partido Comunista Italiano, do revisionismo de Berlinguer, “um partido democrático de massas, contando com milhões de filiados”. Deslumbrou-se também com o Partido Social-Democrata da Suécia. “No geral, fiquei com a impressão de que a linha do partido social-democrata sueco, de todos os que conheci, é a mais correta”. Enalteceu do mesmo modo o Parti-

do Socialista Operário (social-democrata) da Espanha e seu dirigente Felipe Gonzales. "Eu acho que Gonzales será, junto com o PSOE, a grande figura da unidade da classe trabalhadora espanhola". Na entrevista que concedeu na Itália a Pino Cimó, declarou-se simpatizante do "socialismo escandinavo que, penso, se denomina social-democrático".

"... demonstra ser o PT (...) um partido reformista, da paz social..."

Tudo quanto ele disse demonstra ser o PT, que procura implantar-se na classe operária, um partido reformista, da **paz social**, um partido social-democrata, ainda temeroso de assumir abertamente sua verdadeira filiação ideológica. Seu objetivo principal, como o da social-democracia em toda a parte, é desviar o proletariado da luta revolucionária, da luta pelo socialismo científico, impedir sua unidade e dificultar o avanço na formação da sua consciência de classe. Tenta fazer sombra ao PC do Brasil, cuja autenticidade é negada pela cúpula dirigente desse agrupamento pretensamente proletário.

É provável que Luiz Inácio, neófito em política, não tenha uma idéia clara dos fins que persegue a organização por ele fundada. Mas se não a tem, o mesmo não se pode dizer dos trotsquistas, dos anticomunistas ferrenhos da Igreja, dos renegados do marxismo-leninismo que formam sua **entourage**, são seus assessores e companheiros de direção partidária. Estes sabem muito bem o que querem: estorvar o proletariado de se organizar com o fim de cumprir a sua missão histórica.

E que o PT serve, às mil maravilhas, a esse propósito, não há dúvida. Precisamente por isso, torna-se o ponto de encontro de todos os que, por reformismo ou anticomunismo, opõem-se aos verdadeiros ideais da classe operária, somente realizáveis sob a direção de um partido marxista-leninista, como comprova a experiência histórica.

Certamente, o PT e seu líder sofrem também perseguições, como os patriotas e democratas em geral, uma vez que ainda vivemos sob um regime arbitrário. Isso não nega, entretanto, o caráter daquela organização política, suas finalidades conciliadoras, seus intentos diversionistas na luta de classes. A crítica que se lhe faz, é uma crítica de princípios, voltada em especial para o esclarecimento das massas laboriosas que procuram o caminho da emancipação.

As tentativas de criação de uma base social-democrática no país não é fenômeno casual. São sintomas de que amadurecem condições objetivas e subjetivas favoráveis à revolução, condições que se manifestam no aprofundamento e agravamento das contradições sociais, no rápido aumento dos efetivos da classe operária, na crescente subordinação do país ao capital estrangeiro e na existência de um Partido Comunista do Brasil, que rompeu com o oportunismo, possui experiência de luta e se orienta pela teoria do marxismo-leninismo. Justamente por isso, os elementos mais esclarecidos da burguesia e seus agentes (conscientes ou não) esforçam-se por criar e desenvolver organizações supostamente socialistas, que falem uma linguagem proletária e se apresentem como força de transformação social, a fim de entorpecer a consciência das massas, evitar o despertar político dos trabalhadores, já que estes, intuitivamente, conforme assinala Lênin, "tendem para a consciência como a planta tende para a luz". Em última análise, é o reconhecimento da existência de possibilidades reais de as massas enveredarem pelo caminho da libertação. Daí o empenho em procurar desviar sua marcha redentora por meio do engodo.

Não é fatal, porém, que a social-democracia consiga implantar-se efetivamente, com êxito, no Brasil. Empunhando a bandeira social-democrática, o PC Brasileiro sofreu grave derrota política em 1964, convertendo-se de partido relativamente grande numa pequena organização; erguendo a bandeira da social-democracia alemã, o partido de Brizola viu minguar seu potencial de influência entre as massas; o PT apesar de haver mobilizado algumas lideranças sindicais, não conseguiu até agora deitar raízes no proletariado, tem maior penetração entre os estudantes e a classe média em geral. Tudo isso indica que a social-democracia não consegue introduzir-se facilmente no país.

Será, porém, incorreto subestimá-la. O dano que poderá causar ao movimento operário não é pequeno. Impõe-se combatê-la, esclarecendo seus verdadeiros propósitos, artimanhas táticas e falso caráter proletário. Erradicando as tendências reformistas entre os trabalhadores e propagando as idéias revolucionárias do socialismo científico.

* * *

Todas as passagens, aspeadas, com relação ao partido dos Trabalhadores, que constam deste artigo, foram tiradas do livro *Lula-Entrevistas e Discursos* e da entrevista de Luiz Inácio da Silva, publicada no jornal *Em Tempo*, de 12 a 24 de março de 1981.

* * *

O Revisionismo Contemporâneo Nasceu nos Estados Unidos*

Enver Hoxha

As idéias de Browder, na década de 40, eram o prenúncio do revisionismo contemporâneo. Além de influenciar os partidos comunistas e operários da América, identificaram-se com as concepções revisionistas de Mao Tsetung.

A primeira corrente que precedeu o revisionismo contemporâneo foi o **browderismo**. Apareceu nos Estados Unidos e leva o nome do antigo secretário-geral do Partido Comunista dos EE.UU., Earl Browder.

Em 1944, quando a vitória dos povos sobre o fascismo se desenhava nitidamente no horizonte, Browder tornou público um programa consumadamente reformista. Fez-se o primeiro arauto da linha ideológica e política capitulacionista, que o imperialismo norte-americano procuraria impor aos partidos comunistas e aos movimentos revolucionários. Sob o pretexto de uma fictícia transformação das condições históricas do desenvolvimento do capitalismo e da situação internacional, Browder proclamou o marxismo-leninismo "ultrapassado" e o qualificou de sistema de dogmas e esquemas rígidos. Pregava o abandono da luta de classes, a reconciliação de classes à escala nacional e internacional. Considerava que o capitalismo estadunidense já não era reacionário, que poderia curar as chagas da sociedade burguesa e desenvolver-se num plano democrático para o bem dos trabalhadores. Não via mais o socialismo como um ideal, nem como um objetivo a ser alcançado. O imperialismo americano, sua estratégia e sua política, tinham desaparecido completamente do seu campo visual. Os grandes monopólios,



Enver Hoxha

pilares desse imperialismo, constituíam para Browder uma força progressista de desenvolvimento econômico, social e democrático do país. Ele negava o caráter de classe do Estado capitalista e reputava harmoniosa a sociedade norte-americana como um todo, sem antagonismos sociais, uma sociedade na qual dominavam a compreensão e a colaboração de classes. A partir de tais concepções, questionava também a necessidade da existência do

* O título é de *Princípios*. O artigo foi extraído do livro *O Eurocomunismo é o Anticomunismo*, de Enver Hoxha, edição francesa.

Enver Hoxha: 1º Secretário do Partido do Trabalho da Albânia, fundador da República Popular Socialista da Albânia, líder da Revolução Albanesa.

partido revolucionário do proletariado. Tornou-se o promotor da dissolução, em 1944, do Partido Comunista dos Estados Unidos.

“Browder concluiu que o capitalismo americano ter-se-ia renovado”...

“Os comunistas — escreveu ele — prevêm que seus objetivos políticos práticos concordarão, durante longo tempo e sobre todas as questões fundamentais, com os objetivos de amplas massas não-comunistas, e, desse modo, nossas ações políticas fundir-se-ão com os grandes movimentos deste gênero. Assim, a existência de um partido político particular dos comunistas não tem mais objetivo prático, corre o risco de converter-se em obstáculo a uma unidade maior. Por isso, os comunistas dissolverão seu partido político e encontrarão uma nova e diferente forma de organização que se adapte fielmente às tarefas do dia, e uma estrutura política através da qual estas tarefas devam ser realizadas”.

Para formular essas teorias burguesas liquidaçãoistas, Browder tomou como ponto de partida e de justificação a Conferência das Potências Aliadas efetuada em Teerã, em 1943, fazendo uma análise e uma interpretação antimarxista e inteiramente falsa dos resultados dessa Conferência.

Browder apresentava o acordo a que chegaram os aliados antifascistas para levar até o fim a guerra contra a Alemanha nazista, como o princípio de uma nova época histórica, onde o socialismo e o capitalismo teriam encontrado o caminho da colaboração num mundo “único e idêntico”, segundo suas palavras. Asseverou que o espírito de colaboração e de coexistência pacífica entre as potências aliadas, surgido em Teerã, devia ser aplicado não somente às relações entre o Estado socialista soviético e os Estados capitalistas, mas também no interior de cada país capitalista, nas relações entre as classes antagônicas.

“As diferenças de classes e os grupos políticos — declarou — não têm agora nenhuma importância”. Julgava que o único objetivo no qual os comunistas tinham de fixar-se era a realização, sem incidentes, numa atmosfera de paz de classe, da “união nacional” por ele concebida como um bloco reunindo desde os grupos do capital financeiro, as organizações monopolistas, os partidos Republicano e Democrata até os comunistas e os movimentos sindicais, considerados todos, sem exceção, forças “democráticas e patrióticas”.

Em nome dessa unidade, Browder declarava que os comunistas deviam estar prontos a sacrificar mesmo as suas convicções, sua ideologia e seus interesses particulares, e que os comunistas norte-americanos eram os primeiros a se adequar a essa regra. “Nos esforçaremos — disse ele — a apresentar nossos fins políticos, que são os mesmos da maioria dos americanos, através da estrutura dos partidos existentes em nosso país, do ‘sistema bipartidário’, em essência especificamente norte-americano”.

Abalado pelo desenvolvimento relativamente pacífico do capitalismo estadunidense, após as conhecidas reformas de Roosevelt, introduzidas com o objetivo de sair da crise econômica do princípio dos anos 30, assim como pelo ascenso vigoroso da produção no curso da guerra, Browder concluiu que o capitalismo americano ter-se-ia renovado, que daí por diante se desenvolveria sem crises, assegurando o bem-estar geral etc.

Julgava que o sistema econômico de seu país estava em condições de resolver todas as contradições e todos os problemas da sociedade, de satisfazer integralmente as exigências das massas. Identificava o comunismo com o americanismo. “O comunismo — declarou — é o americanismo do século XX”. Segundo Browder, os países capitalistas desenvolvidos poderiam, desfrutando da democracia burguesa, cujo modelo era a democracia americana, solucionar qualquer conflito e passar, gradualmente, ao socialismo.

“Browder em maio de 1944, depois da dissolução do Partido Comunista, proclamou a criação, em seu lugar, de uma associação cultural de tendência esclarecida, denominada ‘Associação Política Comunista’.”

Assim, Browder considerava como um dever dos comunistas americanos assegurar o funcionamento normal do regime capitalista, declarando sem rodeios que estavam prontos a colaborar para garantir eficazmente esse funcionamento no período de pós-guerra, a fim de obter com segurança “o máximo alívio das cargas que pesam sobre o povo”. Este alívio, segundo ele, seria feito pelos capitalistas americanos “razoáveis”, aos quais os comunistas deviam estender a mão da amizade.

Na linha de suas concepções ultradireitistas, e submetendo-se à pressão da burguesia, Browder, em maio de 1944, depois da dissolução do Partido Comunista, proclamou a criação, em seu lugar, de uma associação cultural de tendência esclarecida, denominada “Associação Política Comunista”, justificando essa iniciativa com o argumento de que a tradição americana exigiria, supostamente, a existência de dois únicos partidos. Dita Associação, organizada à base de uma rede de clubes, deveria ocupar-se principalmente de “atividades educativas políticas à escala nacional, regional e local”.

Os estatutos dessa Associação rezavam: “A Associação Política Comunista” é uma organização americana que não tem caráter partidário e que, apoiando-se na classe operária, continua as tradições de Washington, Jefferson, Paine, Jackson e Lincoln, nas condições modificadas da sociedade industrial moderna”. Afirmavam ainda que tal Associação “apóia a Declaração da Independência, a Constituição dos Estados Unidos e a Declaração dos Direitos, assim como também as realizações da democracia americana contra todos os inimigos das liberdades dos povos”. Browder suprimiu todos os objetivos do movimento comunista. O programa da Associação não fazia sequer menção ao marxismo-leninismo, nem à hegemonia do proletariado, à luta de classes, à revolução e ao socialismo. A unidade nacional, a paz social, a defesa da Constituição burguesa, bem como o aumento da produção capitalista, tornaram-se os seus objetivos.

“Por suas concepções revisionistas sobre a revolução e o socialismo, Browder prestou uma ajuda direta ao capitalismo mundial.”

Dessa maneira, ele passou da revisão aberta das questões fundamentais do marxismo-leninismo, da estratégia e da tática revolucionária, à liquidação orgânica do movimento comunista nos Estados Unidos. Embora em junho de 1945, no seu XIII Congresso, o partido do proletariado tenha sido reorganizado e a linha oportunista de Browder formalmente rejeitada, sua influência jamais desapareceu do Partido Comunista dos E.E.U.U. Em consequência, particularmente após 1956, as idéias de Browder voltaram a florescer e John Hayes, em seu artigo intitulado *Chegou o Tempo para Mudanças*, reclamou outra vez, no espírito do browderismo, a conversão do Partido Comu-

nista dos Estados Unidos em uma associação cultural de propaganda. Com efeito, o atual Partido Comunista não passa disto, é uma organização onde domina o revisionismo browderista imbricado com o kruschovismo.

Por suas concepções revisionistas sobre a revolução e o socialismo, Browder prestou uma ajuda direta ao capitalismo mundial. Para ele, o socialismo nasce em consequência de uma calamidade, de uma catástrofe, e não como resultado inelutável do desenvolvimento histórico. “Nós não desejamos — disse — nenhuma catástrofe para a América, mesmo se tal pudesse conduzir ao socialismo”. Apresentando a perspectiva da vitória do socialismo como muito distante, pregava a colaboração de classes na sociedade americana e no mundo inteiro. A única alternativa seria a do desenvolvimento evolutivo, através das reformas e com a ajuda dos Estados Unidos.

“Browder tornou-se, assim, o porta-voz e o propagador da grande estratégia do imperialismo americano, de seus teóricos e de seus planos neocolonistas, expansionistas.”

Conforme Browder, os E.E.U.U., dispendo de uma potência econômica colossal, de grande potencial científico e técnico, deveriam ajudar todos os povos, incluindo os da União Soviética, em seu “desenvolvimento”. Essa “ajuda”, dizia ele, serviria à América para manter ritmos elevados de produção, mesmo depois da guerra, para assegurar o pleno emprego e a unidade nacional durante muitos anos. Com esse fim, aconselhava os magnatas de Washington a criar “uma série de corporações industriais gigantescas para o desenvolvimento das regiões sub-desenvolvidas e devastadas da Europa, África, Ásia e América Latina”. “Se nós pudermos enfrentar firmemente a realidade — assinalava — e fazer renascer em termos modernos a tradição de Jefferson, Paine e Lincoln, então a América aparecerá unida diante do mundo, nele assumindo um papel dirigente... para garantir a salvação da Humanidade...” Browder tornou-se assim o porta-voz e o propagador da grande estratégia do imperialismo americano, de seus teóricos e de seus planos neocolonialistas, expansionistas.

O browderismo auxiliou diretamente o “Plano Marshall”, por meio do qual os Estados Unidos visavam estabelecer sua

hegemonia econômica nos vários países da Europa, arruinados pela guerra, bem como na Ásia, África etc. Browder pleiteava que diversos países, e particularmente os de Democracia Popular e a União Soviética, tornassem mais flexível sua política marxista-leninista e aceitassem a ajuda "altruística" dos Estados Unidos, possuidores de uma potente economia, dispendo de excedentes consideráveis, podendo e devendo servir a todos os povos (!).

Browder esforçou-se com o fim de apresentar suas concepções antimarxistas e contrarrevolucionárias como a linha geral do movimento comunista internacional. Da mesma forma que os seus predecessores revisionistas, esmerou-se, sob a alegação do desenvolvimento criador do marxismo e da luta contra o dogmatismo, em demonstrar que a nova época, posterior à II Grande Guerra, exigia do movimento comunista a revisão de suas anteriores convicções ideológicas e o abandono "das antigas fórmulas e velhos preconceitos" que "não nos ajudarão de nenhum modo a encontrar nosso caminho no mundo novo". Era um apelo à renúncia dos princípios do marxismo-leninismo.

... "O browderismo induziu a grandes erros o movimento operário e comunista dos Estados Unidos e de certos países da América Latina."

Os pontos de vista de Browder chocaram-se com a oposição dos partidos comunistas de muitos países, e também dos comunistas revolucionários americanos. O browderismo foi desmascarado com relativa rapidez como revisionismo puro e simples, corrente manifestamente liquidacionista, agência ideológica diretamente a serviço do imperialismo norte-americano.

Apesar disso, o browderismo induziu a grandes erros o movimento operário e comunista dos Estados Unidos e de certos países da América Latina. No seio de antigos partidos comunistas desse subcontinente produziram-se abalos e divisões imputados às manobras de elementos oportunistas que, cansados da luta revolucionária, deixaram-se prender nas malhas do imperialismo estadunidense que intentava sufocar as revoltas populares e a revolução e corromper os partidos que trabalhavam pela educação e preparação revolucionária dos povos.

Na Europa, o browderismo não conheceu o mesmo sucesso que na América do Sul, se bem que esse germe do imperialismo tenha sido absorvido pelos reformistas, antimarxistas e antileninistas mascarados, à espera do momento favorável para separar-se abertamente da ideologia científica do marxismo-leninismo.

"Mao Tsetung e seus companheiros concebiam o desenvolvimento da revolução no seu país como democratas burgueses."

Ainda que a concepção browderista, em seu tempo, não haja tomado, como corrente revisionista, envergadura internacional, suas concepções foram reanimadas e adotadas por outros revisionistas que o seguiram. Sob diversas formas, elas estão presentes nas plataformas políticas e ideológicas dos revisionistas chineses e iugoslavos, assim como nas dos partidos eurocomunistas da Europa Ocidental.

Não somente o browderismo correspondia à estratégia americana de "conter o comunismo" e de instaurar a hegemonia dos EE.UU. no mundo capitalista de após-guerra. Também a ela correspondiam o pensamento Mao Tsetung, as teorias e a linha da direção chinesa.

Em princípios de 1945, quando Browder apareceu em cena e Truman dava forma à novel estratégia americana, realizou-se na China o VII Congresso do Partido Comunista. Nos Estatutos aprovados por esse Congresso se diz: "O Partido Comunista Chinês guia-se em toda a sua atividade pelas idéias de Mao Tsetung". Comentando esta afirmação no informe que apresentou ao Congresso, Liu Shao-shi declarou que Mao Tsetung tinha rejeitado numerosas antigas concepções da teoria marxista, substituindo-as por teses e conclusões novas. Segundo Liu, Mao Tsetung tinha "achinesado" o marxismo. "O pensamento de Mao Tsetung, declarou, é o marxismo chinês".

Essas "novas teses e conclusões" esse marxismo "achinesado", nada tinham a ver com uma aplicação criadora do marxismo-leninismo nas condições concretas da China, mas traduziam-se de fato na negação de suas leis fundamentais e universais. Mao Tsetung e seus companheiros concebiam o desenvolvimento da revolução no seu país como democratas burgueses. Não estavam a favor de sua transformação em revolução socialista. Tomavam por modelo "a democracia americana" e contavam para a construção da nova China com o apoio norte-americano.

As idéias de Mao tinham muitas afinidades com os pontos de vista oportunistas de Browder. Este, é preciso dizer, havia estudado e bem compreendido as concepções anti-marxistas dos dirigentes chineses. “Aquilo que se chama na China o campo ‘comunista’, em virtude de ser dirigido por membros eminentes do Partido Comunista chinês — escrevia Browder — está muito mais próximo da concepção americana de democracia do que o denominado campo do Kuomintang. Mais próximo, sob todos os aspectos, incluindo a maior extensão dada à ‘livre empresa’ na vida econômica; (Do livro *Teerã, Nosso Caminho na Paz e na Guerra*, 1944).

“... A nova democracia que nos esforçamos por instaurar, tem por tarefa, precisamente, garantir a amplos setores chineses a possibilidade de incrementar sem obstáculos a iniciativa privada...” (Mao Tsetung)

Mao Tsetung era favorável a um desenvolvimento livre, ilimitado, do capitalismo na China durante o período do Estado de Nova Democracia, como denominava o regime a ser instaurado após a expulsão dos japoneses. “Algumas pessoas pensam — afirmava ele no VII Congresso do seu Partido — que os comunistas são contra o desenvolvimento da iniciativa privada, contra o desenvolvimento do capital privado, contra a defesa da propriedade privada. Na realidade, assim não é. A nova democracia que nos esforçamos por instaurar, tem por tarefa, precisamente, garantir a amplos setores chineses a possibilidade de incrementar sem obstáculos a iniciativa privada na sociedade, de fazer progredir livremente a economia capitalista privada”. Deste modo, Mao Tsetung fazia sua a idéia antimarxista de Kautsky, segundo a qual, nos países atrasados, a passagem ao socialismo não poderá se realizar senão através de um longo período de livre desenvolvimento do capitalismo, que prepara as condições para passar ao socialismo. Com efeito, o regime pretensamente socialista que Mao Tsetung e seu grupo estabeleceram na China era e é um regime democrático-burguês.

A linha que a direção chinesa, com Mao à frente, seguiu para conter a revolução na

China e ofuscar sua perspectiva socialista, fazia praticamente o jogo do imperialismo americano, interessado em estender a sua dominação e a das outras potências imperialistas que ansiavam por conservar suas antigas possessões.

... “Mao Tsetung pregava, de fato, o desvio das revoluções antiimperialistas de seu justo sentido de desenvolvimento.”

Nos anos de após-guerra, o movimento de libertação nacional anticolonialista ganhou impulso em todos os continentes. Os impérios coloniais britânico, francês, italiano, holandês, belga, desmoronaram, um depois do outro, sob o ímpeto das insurreições populares nas colônias. Nestes países, as revoluções eram democrático-burguesas, em sua maioria. Mas, em alguns deles, existiam possibilidades objetivas para que a revolução avançasse e tomasse um caráter socialista. Por suas concepções e suas ações, Mao Tsetung pregava de fato o desvio das revoluções antiimperialistas de seu justo sentido de desenvolvimento. Pretendia que elas se detivessem a meio caminho, não ultrapassassem o quadro burguês, perpetuassem o sistema capitalista. Os erros que as “teorias” de Mao Tsetung causaram, foram consideráveis se se tem em conta o significado da revolução chinesa e sua influência nos países coloniais.

De acordo com a linha de Mao, a China e, a seu exemplo, a Indochina, a Birmânia, a Indonésia, a Índia etc., deviam em seus desenvolvimentos apoiar-se nos Estados Unidos, contando com a sua ajuda e com o capital americano. Era a aceitação da nova estratégia formulada nos departamentos de Washington e que Browder, em pessoa, tinha começado a pregar à sua maneira.

As concepções, atitudes, ações e exigências de Mao Tsetung acerca dos Estados Unidos foram descritas em detalhe pelos enviados americanos junto ao Estado-Maior de Mao nos anos de 1944/49. Um deles, John Service, conselheiro político do comando das forças estadunidenses na frente birmano-chinesa e depois secretário da Embaixada dos EE.UU. junto ao governo de Chiang Kai-chek, em Chung-king, foi um dos primeiros agentes de informação norte-americanos que entrou em contato com a direção do Partido Comunista chinês; aliás, os contatos oficiosos eram permanentes.

Falando dos dirigentes chineses, Service afirmou: “Sua concepção do mundo impressionava por seu modernismo. Sua maneira de conceber, por exemplo, as questões econômicas, é muito parecida com a nossa”. “Não é de pasmar — prossegue — tenham elas produzido impressão positiva à maior parte ou mesmo a todos os americanos que com eles se encontraram nestes últimos sete anos; suas atitudes, sua maneira de pensar e sua percepção direta dos problemas parecem mais americanas que orientais” (J. Service, *A Última Chance da China*, 1974).

As concepções liquidacionistas de Browder sobre o Partido também se acham fundamentadas nas teorias de Mao. Do mesmo modo que o comunismo chinês se havia dissipado, igualmente o Partido Comunista Chinês, de comunista, só tinha o nome. Mao Tsetung não trabalhara para construir um partido autenticamente proletário, marxista-leninista. Por sua composição de classe, por sua estrutura orgânica e pela ideologia que o inspirava, o PC da China nunca chegou a ser um partido de tipo leninista. Mao não fazia nenhum caso de seu Partido. Agia a seu talento. No curso da pretensa Revolução Cultural, dissolveu-o totalmente, concentrando todos os poderes em suas mãos e pondo o Exército à frente dos negócios públicos.

Tal como Browder, que apresentava o americanismo como o modelo ideal da sociedade futura, Mao Tsetung considerava a democracia americana o mais alto exemplo de organização estatal e social para China. Ele afirmou a Service que “acima de tudo, nós, os chineses, consideramos a vós, americanos, como o ideal de democracia”. (J. Service, *obra citada*).

... *“Os interesses americanos e chineses estão ligados e são similares.”*...
(Mao Tsetung)

Ao mesmo tempo que aprovavam a democracia americana, os dirigentes chineses tratavam de estabelecer laços estreitos e diretos com o capital da América do Norte, solicitavam a ajuda econômica estadunidense. Service escreveu que Mao Tsetung lhe havia dito: “A China deve industrializar-se. Isto não pode ser realizado senão pela iniciativa privada e com a ajuda do capital estrangeiro. Os interesses americanos e chineses estão ligados e são similares”(...) “Os Estados Unidos encontrarão em nós maior espírito de colaboração do que no Kuomintang. Não tememos a influência da

democracia americana, nós a acolheremos de bom grado”(...) “A América não tem nenhuma razão de temer que não sejamos partidários da colaboração. Devemos colaborar e precisamos da ajuda americana.” (J. Service, *obra citada*).

Esse gênero de declarações e de solicitações é hoje retomado a cada dia pelos discípulos e colaboradores de Mao, como Deng Siao-ping, Hua Kuo-feng e outros, que estabelecem, na prática e em todos os domínios, os laços com o imperialismo americano, tal como sonhava Mao Tsetung, laços que ele havia começado a estreitar. Atualmente, a estratégia chinesa está inteiramente orientada para a colaboração geral e particular com os Estados Unidos e o capitalismo mundial, que se puseram a apoiar a China politicamente, a influenciá-la ideologicamente, a fim de apagar no espírito e no coração das pessoas simples a menor sombra de marxismo-leninismo, e realizar profundas transformações políticas e orgânicas rumo ao sistema capitalista, tanto no domínio econômico quanto na estrutura do Estado e do Partido.

Objetivamente, a linha de Mao Tsetung, no que respeita à construção da China, e a sua concepção de desenvolvimento dos países libertados do colonialismo, têm servido à estratégia do imperialismo dos EE.UU. Se uma colaboração estreita entre a China e os Estados Unidos não foi estabelecida desde o início, isto se explica pelo fato de que após a guerra, na América, o lobby chiankaichequista empolgou. Nessa época, a “guerra fria” estava no apogeu e o maccarthysmo causava grandes transtornos. De outra parte, em seguida ao fim da guerra, os EE.UU. deram prioridade ao Japão, pensando que, antes de tudo, deviam ajudar esse país, fazendo dele um aliado poderoso e dócil, reerguendo sua economia, de modo a convertê-lo num potente bastião contra a União Soviética e, eventualmente, contra a China de Mao Tsetung. Aparentemente, os EE.UU. não eram bastante fortes para dispensar sua ajuda a todas as regiões do mundo, preparando-as contra a URSS, contra o sistema socialista. Assim, preferiam concentrá-la sobretudo na Europa e no Japão, gravemente devastados e onde o socialismo punha em perigo o capital mundial.

Foram indubitavelmente estes fatores que fizeram com que os chefes do imperialismo americano não tivessem segurado logo a mão que lhes estendia Mao Tsetung. Precisou bastante tempo, foi necessário que os dirigentes revisionistas chineses dessem novas provas de seu “amor” pela América, para que Nixon fosse a Pequim e os americanos e outros imperialistas compreendessem que a China nada tinha a ver com o socialismo. ●

Nova Expressão da Feroz Luta pelo Poder Entre os Clãs Revisionistas da China

Zeri I Popullit

Na China atual, o que prevalece é o caos, a disputa sem princípios, a luta de grupos. Desabrocham as "cem flores" e competem "cem escolas". Mas, o resultado é a desorganização da economia, comprometendo o futuro do país.

Há poucos dias*, terminou em Pequim o processo judicial contra o chamado "bando dos quatro" e o grupo dos altos escalões militares da época da Revolução Cultural.

Os preparativos para esse processo judicial que se desenvolveu segundo um roteiro cuidadosamente elaborado, duraram quatro anos, desde outubro de 1976, quando "os quatro" foram presos. Tão longo período não está ligado à "acumulação de todas as provas", como declararam os procuradores da Justiça em Pequim, mas ao fato de que Deng Xiaoping e seu grupo tiveram dificuldade em desenvolver o processo sem consolidar fortemente as suas posições e sem uma longa e profunda manipulação da opinião pública. Antes do julgamento, Deng empreendeu uma série de depurações na alta direção do Partido e do Estado, levando ao poder pessoas da sua confiança, a maior parte das quais tinha sido derubada e condenada tempos atrás.

Com o objetivo de ampliar e reforçar a base social de seu poder, paralelamente a essas depurações ele reabilitou, não apenas todos os quadros golpeados pela Revolução Cultural, mas também muitos dos elementos feudais, capitalistas e contra-revolucionários derrotados pela Revolução Chinesa. Os que ainda estavam vivos reconquistaram os direitos e privilégios econômicos. Alguns foram novamente colocados na direção das fábricas que haviam possuído e em diversos órgãos do poder.

*Artigo publicado no jornal *Zeri I Popullit* (A Voz do Povo), órgão do Partido do Trabalho da Albânia, no dia 3 de fevereiro de 1981.



Logotipo do jornal *Zeri I Popullit* (A Voz do Povo) do CC do PTA

Deng precisava assegurar, ao mesmo tempo, o apoio externo, o que encontrou no fortalecimento da aliança com o imperialismo norte-americano e na ajuda econômica de bilhões de dólares que o grande capital internacional lhe concedeu.

Quando acabaram todos esses preparativos, Deng levantou o pano e começou no palco a representação da farsa que ele denominou "processo judicial contra o bando dos quatro".

Pelas informações fornecidas através da imprensa, pela acusação do procurador, bem como pela decisão do tribunal, tornou-se claro que Deng e seu grupo, por meio do golpe no "bando dos quatro", visavam de fato Mao Tsetung. Da maneira como se desenvolveu o julgamento e pelo que nele se disse, resultou que esse não foi o julgamento dos vivos, mas dos mortos — de Mao, de Kang Sheng e outros.

O tribunal condenou "os quatro" como criminosos e não pela política que haviam seguido. Agiu assim porque, se fizesse diferentemente, deveria também mostrar a que política eles se tinham oposto. Eis a razão pela qual os forjadores do julgamento de Pequim

não lhe deram um caráter político, apesar de ter a Revolução Cultural, que eles quiseram condenar, caráter político.

Os "quatro" não atuaram fora da linha de Mao e da Grande Revolução Cultural Proletária. O Partido do Trabalho da Albânia exprimiu sua própria opinião sobre esse evento, que não foi revolução, nem grande, nem cultural, nem proletária, mas uma explosão caótica, um *putsch* palaciano, dirigido por elementos não-marxistas visando liquidar outros elementos antimarxistas que tinham tomado o poder. Devido a isto, durante a Revolução Cultural ocorreram golpes e enfrentamentos, repressões e abusos. Mas, tais coisas, na China de hoje, não ocorrem em menor número. Nos quatro cantos desse país estão em curso, atualmente, muitos julgamentos contra os diversos oposicionistas do grupo no poder. A economia, que entrou completamente nos trilhos do capitalismo, se encontra no caos. A produção caiu e a insatisfação das massas aumentou.

"Deng preserva especialmente aquela parte do pensamento de Mao Tsetung na qual melhor se evidencia as idéias burguesas e capitalistas."

Deng Siao-ping e seus pares jogaram Mao por terra no atual julgamento, desde o início até o fim. As afirmações de que ele tivera 70% de bom e 30% de mau são palavras vazias, especulações e demagogia vulgar. Condenam Mao, contudo preservam o pensamento Mao Tsetung porque é a ideologia do caminho capitalista da China e dos seus objetivos de convertê-la numa superpotência. Deng preserva especialmente aquela parte do pensamento Mao Tsetung na qual melhor se evidencia as idéias burguesas e capitalistas. E ainda mais, resguarda o pensamento Mao Tsetung para mascarar aos olhos do povo a guerra total que trava contra Mao Tsetung, incluindo o importante papel por ele desempenhado na vitória da Revolução democrática e antiimperialista na China.

Deng e seu grupo continuam apresentando o pensamento Mao Tsetung como marxismo-leninismo. Todavia, esta pretensão não tem nenhuma base, é completamente absurda. O Partido do Trabalho da Albânia desmascarou semelhante blefe e tem ressaltado que o pensamento Mao Tsetung não é marxismo-leninismo, mas uma ideologia antimarxista. As especulações da atual direção chinesa sobre o suposto conteúdo marxista-leninista do pensamento Mao Tsetung têm por objetivo apre-

sentar os planos e a atividade contra-revolucionários dessa direção, dentro e fora do país, como revolucionários.

Deng procura conservar o pensamento Mao Tsetung porque presentemente não tem, de reserva, nenhuma outra ideologia, além de alguns slogans pragmáticos tais como "as quatro modernizações", "o gato branco e o gato preto" e algum outro do mesmo jaez. O pensamento Mao Tsetung foi e continua sendo a ideologia da totalidade dos grupos e frações na China; é, como pretendem os próprios dirigentes chineses, produto de todos, de Mao, de Chu En-lai, de Deng Siao-ping, de Liu Shao-shi. Por esse motivo, o pensamento Mao Tsetung tornou-se na China a bandeira de cada grupo e fração e tem servido de cobertura para qualquer *putsch* palaciano.

Considerado em seu conjunto, o julgamento foi um acerto de contas e uma luta entre grupos rivais pelo poder.

Em Pequim, desenvolveram-se de fato dois julgamentos: um aberto, contra "os quatro" e o grupo militar e outro, dissimulado, contra Mao, Chu, Ie e Hua Kuo-feng.

O julgamento aberto pôde transcorrer segundo a orquestração de Deng, mas o encoberto deparou com muitas dificuldades, pois representava as grandes rivalidades no seio da atual direção.

Nessas rivalidades estavam implicadas não apenas algumas pessoas, mas grupos de milhões, políticas diversas em diferentes períodos, pondo em risco interesses particulares pelo poder. Também ambições formuladas claramente ou não por muitos grupos em luta caótica e sem princípios, por vários setores de militares, "senhores de guerra modernos", por grupos que aprovavam Mao, bem como por outros que o condenavam. O grupo de Ie, em alguns problemas, está de acordo com Hua e contra Deng; o de Hua é pró-Mao e oposto a Deng; o de Deng é contrário a Mao, Ie e Hua, pró Liu Shao-shi, supostamente pró Chu En-lai. No final das contas, é o grupo dos mais jovens aquele que Deng empurra à frente, grupo que tenta estabilizar-se para instaurar o seu poder.

As "cem flores e cem escolas" de Mao Tsetung florescem, estão em desenvolvimento e em luta. Mao justamente previra que suas idéias ecléticas seriam utilizadas tanto pelos direitistas como pelos esquerdistas.

O desenrolar do julgamento revelou nitidamente que Deng tencionava golpear também Hua Kuo-feng e seu grupo, precisamente as pessoas que derrubaram "o bando dos quatro" e o reabilitaram. Ele desejava tirar de Hua o direito de se manter como o herdeiro escolhido pelo próprio Mao e como o intérprete autên-

tico do pensamento Mao Tsetung. Contudo, queria fazê-lo, não cortando cabeças, como os velhos imperadores, mas com base na "lei", desacreditando-o, em primeiro lugar, politicamente. Dessa forma, Deng finge apiedar-se de Hua pela ajuda que este lhe deu, criando ao mesmo tempo para si uma imagem "democrática" do agrado da América e do Ocidente, que se apresentam como "defensores dos direitos humanos".

Para Deng Siaoping, Hua é o "gato preto". Deng utiliza as conhecidas táticas chinesas, incitando uns e outros a dizerem que "Hua foi liquidado, que pediu demissão". Prepara desse modo a opinião pública, tateia o pulso político das pessoas, tanto no exterior como no interior do país.

Hua Kuo-feng apresenta-se como um maoísta integral moderado, enquanto Deng é tido como reacionário, fascista, vingativo e antimaoísta. Hua é pela amizade com o Japão e a Europa Unida, Deng é pró-norteamericano, belicista e a favor da ocupação dos países do Sudeste Asiático. Quem vencerá? Com esses elementos no poder, nem a China, nem a revolução, nem a verdadeira paz triunfarão. São dirigentes que representam o hegemonismo chinês, instrumentos do imperialismo mundial.

Um dos alvos do processo foi o Exército. Condenando os principais comandantes do período da Revolução Cultural, Deng Siaoping visava redimensionar o poder político do Exército, reduzir seu peso nas decisões políticas e, em geral, na vida da China. Com o intento de evitar a reação dos Estados-Maiores, sobretudo do Corpo de Oficiais, ele acusou os ex-gerais de terem querido assassinar Mao, precisamente Mao que defendia os privilégios dos militares e tornara o Exército a força política decisiva do país, uma força com mais peso que o próprio Partido e o Poder constituído.

Todavia, os cálculos feitos no início do julgamento não resultaram exatos no final. O tribunal não comprovou as acusações. O chamado complô dos militares para assassinar Mao ficou nebuloso.

Os objetivos que o tribunal estabelecera para si não foram alcançados em nenhum sentido. O clã de Hua Kuo-feng, embora muito debilitado atualmente nos altos foros do Partido, do Poder e do Exército, ainda encontra apoio nas dezenas de milhares e milhões de quadros intermediários e inferiores projetados pela Revolução Cultural, os quais sentem, compreendem e vêem que a depuração iniciada por Deng nos escalões superiores da hierarquia chinesa descerá e os expulsará. O mesmo

percebem os militares. Depois dos altos chefes, chegará a vez dos que estão mais abaixo. Nessas condições, pelas suas tradições militaristas, não permitirão que seu poder político seja corroído aos poucos e se feche nas casernas. E mais, isto também não é possível pelo fato de que a política da atual direção tem como objetivo primordial a modernização do Exército e sua transformação em uma grande força de choque a nível das superpotências. A construção dos complexos industrial-militares atribui ao Exército um papel de primeira ordem em toda a vida econômica, política e social do país.

“... o adiamento da aplicação da pena, assim como as hesitações relacionadas com a organização do julgamento, demonstram que na China sempre atuaram poderes de diversas forças políticas e que as mãos de Deng ainda não estão completamente livres para agir como quiser...”

O sentimento de vingança, não só política, como pessoal, evidenciou-se nos esforços dos juizes e na vasta campanha da imprensa no sentido de caracterizar os acusados como criminosos comuns, como aventureiros. Todas as baterias voltaram-se principalmente contra Chiang Ching. Não obstante, este objetivo também não foi alcançado. Pelo que a agência *Nova China* transmitiu e pelas imagens que a televisão chinesa apresentou, a viúva de Mao não só não baixou a cabeça, como atacou abertamente os que a julgavam, chamando-os camarilha revisionista, traidores, agentes do Kuomintang. As pessoas viram na TV não uma pessoa abatida e arrependida, porém a arbitrariedade dos juizes que não a deixaram falar e a brutalidade dos policiais que a algemaram e pegaram à força com o fim de retirá-la da sala.

Segundo a decisão do tribunal, somente Chiang Ching e Chang Chun-chiao foram condenados à morte, mas lhes deram um prazo de dois anos para se arrependerem e salvarem a cabeça. Os outros, conforme as acusações que lhes foram feitas, receberam sentenças relativamente baixas, sobretudo os militares. À primeira vista, é como se isso estivesse de acordo com as tradições chinesas; entretanto, o adiamento da aplicação da pena, assim como as hesitações relacionadas com a organização do julgamento, demonstram que na China sempre atuaram poderes de diversas forças políticas e que as mãos de Deng ainda não estão completamente livres para agir como quiser.

O processo de Pequim foi um autodesmascaramento dos revisionistas chineses, por que ressaltou ainda mais toda a putrefação do sistema político capitalista e da base ideológica burguesa que têm predominado na China. O caos, a grave situação e os crimes pelos quais a atual equipe no poder culpa apenas a Revolução Cultural e as pessoas que a desencadearam e dirigiram, sem poupar sequer o falecido Mao, constituem o resultado do curso contra-revolucionário e do caminho capitalista adotado nesse país.

A China, que é quase um continente, desde a sua libertação até hoje, não encontrou nenhuma estabilidade, nem conseguiu construir uma estrutura político-econômica e estatal-organizativa estável, de qualquer natureza que fosse.

No começo, utilizou-se o slogan de “nova democracia”, mais tarde batizada de “socialismo” e mesmo de “ditadura do proletariado”. Mas, na verdade, a estrutura do novo Estado chinês foi e se manteve uma estrutura feudal-burguesa. Na prática, não foram feitos esforços por renovar essas estruturas, porque faltava clareza política e ideológica que orientasse essa renovação. Os dirigentes da República Popular da China, desde a sua fundação, não eram marxistas-leninistas; os objetivos que perseguiram para desenvolver o país e a economia no caminho burguês-capitalista, são, até hoje, obscuros. Lutava-se usando fórmulas, citações. Tateava-se o terreno, os sistemas, sem se concentrar em nenhum deles. Esforçavam-se por mostrar aquilo que não eram. A China vivia e vive à base de medidas tomadas de um dia para o outro.

“Cada grupo ou indivíduo tinha sua via nebulosa, indefinida, mas predominava em todos o sentimento de vingança, de derrubada de um grupo por outro. Este caminho ainda prossegue.”

Nesse nevoeiro, nesta falta de clareza político-ideológica, desenvolviam-se as rivalidades dos diversos grupos que se batiam pelo Poder, pelo domínio sobre a Nação. Cada grupo ou indivíduo tinha sua via nebulosa, indefinida, mas predominava em todos o sentimento de vingança, de derrubada de um grupo por outro. Este caminho ainda prossegue. Também o grupo de Mao Tsetung e Chu En-lai nadava nessas águas. Apesar disso, era o grupo mais positivo, o que se esforçou e fez

algo capenga, mas fez alguma coisa pela China. O grupo de Liu Shao-shi era o mais reacionário. Atualmente, a camarilha de Deng não passa de feudal-fascista, ultra-reacionária.

Deng, com seus seguidores, parece estar nos primeiros camarotes, recebe e acompanha visitantes, pronuncia discursos e ameaça. O país, no entanto, está sendo desacreditado, tanto no interior como no exterior. Todos duvidam dele. Sua economia, recuperada por Mao e Chu En-lai, acha-se em péssimas condições. Mente a direção atual ao jogar a culpa nos “quatro”.

“Um grupo tomará o Poder, derrubando o seu rival. O que caiu fará novo complô para derrotar o dominante, até que o povo chinês se torne consciente e ponha fim ao caos apreendido por Mao Tsetung.”

A China encontra-se numa encruzilhada. Vive no caos, na anarquia, na insegurança. Cada passo de seus dirigentes é não só pragmático, mas conjuntural, tanto para a situação interna, como para a externa. Sua política é sem princípios, anacrônica, feudal, prepotente. Já não engana ninguém quando se apresenta como “democrática” e menos ainda como “socialista”.

Se se pode utilizar uma imagem, a China assemelha-se a uma casa velha e grande, sem alicerces sólidos, construída sem plano e sem estrutura. Cada terremoto político faz desabar partes inteiras. Os construtores que chegam para repará-la são ainda piores e a destroem completamente.

A megalomania do “grande Estado chinês” não pesa na atual política mundial, as idéias de Deng e de Hua estão condenadas ao fracasso. O imperialismo e o hegemonismo, seja americano, soviético, chinês ou das demais potências capitalistas, são odiados e combatidos pelos povos do mundo.

Vivemos o século das grandes crises mundiais capitalistas-revisionistas, o século das lutas de libertação e das revoluções.

Os inimigos externos da China procuram saqueá-la, fazendo investimentos com grandes lucros para eles. Há, em relação a esse país, dúvidas e falta de confiança. Nem a própria China sabe onde tem a cabeça e os pés. Para os adversários do povo chinês, o caos é desejável. Agora, nem a América, nem a burguesia reacionária temem a China. A União Soviética tem mais medo de Lech Walesa do que de Deng Siao-ping.

O processo de Pequim refletiu e confirmou tal situação. O grupo de Deng e também o de Hua condenaram "os quatro" e vários militares como "criminosos comuns e conspiradores", mas eles condenaram realmente toda a política e o sistema econômico-social da China, desde a libertação em 1949. E quem condenou essa política e esse sistema? Os mesmos que os construíram.

Embora o processo de Pequim apareça como o encerramento de um capítulo da luta pelo Poder, na verdade não terminou a luta entre os diversos clãs, nem se liquidaram as inimizades e a divisão política interna do país. O processo atiza ainda mais esse conflito e cria condições para o seu acirramento ulterior. Assim como a Revolução Cultural lançou as bases da luta entre os clãs atuais, o julgamento dos "quatro" abre o caminho aos embates

entre os novos clãs que, algumas vezes, se unirão, outras vezes se dividirão e, em certas oportunidades se matarão uns aos outros. Um grupo tomará o Poder, derrubando o seu rival. O que caiu fará novo complô para derrotar o dominante, até que o povo chinês se torne consciente e ponha fim ao caos apregoado por Mao Tsetung.

Agora, as velharias capitalistas avassalam a China. Mas a história as condenou. A China da juventude revolucionária não pode concordar que as vitórias alcançadas sejam sepultadas na lama atirada pelos ambiciosos e prepotentes grupos de aproveitadores.

Os marxistas-leninistas e todas as pessoas progressistas do mundo têm esperanças de que a China revolucionária liquide, na luta, o grande caos em que os seus inimigos internos e externos a lançaram. ●



Elevar o Nível Ideológico — Tarefa Decisiva Para o Fortalecimento da Vanguarda

Maurício Grabois

Este documento data de junho de 1951. Não se publica na íntegra.

Dele foram retiradas algumas passagens que não alteram absolutamente o seu caráter. Tratando de assunto sempre presente na atividade comunista de todos os tempos, como seja a educação ideológica e teórica dos militantes, tem valor permanente. Vale como elemento histórico e também como ensinamento de enorme atualidade.

Sua reprodução em PRINCÍPIOS, no 30.º aniversário de sua publicação, é uma homenagem ao seu autor, combatente de toda a vida pela grande causa da liberdade e do socialismo.

O Informe Político da Comissão Executiva, ao fazer a análise crítica das debilidades partidárias na luta pela aplicação de nossa linha política e tática, constatou o quanto é baixo o nível ideológico e político de nosso Partido.

Nas atuais circunstâncias, em que se agrava cada vez mais a luta entre o campo democrático e o campo imperialista, essa séria debilidade assume um caráter bastante grave, pois sem elevar o nível ideológico e político dos membros do Partido, tanto das direções como das bases, não estaremos em condições de aplicar com êxito a nossa orientação política revolucionária e de cumprir a tarefa histórica de conduzir a classe operária e as massas trabalhadoras na luta pela paz, pela independência nacional e pela conquista da democracia popular.

O levantamento do nível ideológico de nosso Partido constitui, hoje, uma tarefa política de grande importância e deve ser uma das preocupações centrais no trabalho decisi-

vo em que nos empenhamos de construir um Partido para enfrentar e resolver os problemas da revolução.

O trabalho de elevação do nível ideológico dos nossos militantes é vital para o Partido, porque se orienta no sentido de libertá-lo completamente da influência das ideologias estranhas ao proletariado, de fazer de cada comunista um homem efetivamente de vanguarda, de preparar o Partido ideológica e teoricamente para dirigir com êxito a luta pela instauração de um governo democrático-popular.

A decisiva importância para o Partido do trabalho ideológico resulta também do fato de que a nossa debilidade ideológica, o nosso baixo nível teórico, determinam o próprio atraso na organização do Partido, dependendo assim, o seu desenvolvimento orgânico, fundamentalmente, da elevação do nível ideológico e político de seus quadros.

Se em todos os Partidos Comunistas que já atingiram a maturidade, o trabalho de elevação do nível ideológico e político é uma tarefa permanente e das mais importantes, em nosso Partido esse trabalho, devido ao nosso imenso atraso na frente ideológica, tem sua importância muitas vezes multiplicada.

O ATRASO DO PARTIDO NA FRENTE IDEOLÓGICA

O nosso Partido, do ponto de vista ideológico, está quase que totalmente desarmado. A maioria de nossos quadros ingressou no Partido quando nos orientávamos por uma política oportunista e foi educada no espírito da colaboração de classes e não nos princípios do marxismo-leninismo. A luta contra a penetração da ideologia burguesa nas fileiras do Partido é uma forma com que se reveste a luta de classes, e essa luta ideológica não podia ser então por nós levada a efeito para forjar os militantes no espírito revolucionário, porque a linha política que seguíamos até janeiro de 1948 procurava amainar as contradições de classe, ao invés de revelá-las e aprofundá-las como nos ensina o marxismo-leninismo. Porque nos orientávamos por uma política de colaboração de classes, não podíamos ter uma linha de conduta combativa revolucionária e conseqüente, o que teve uma profunda influência na formação de todos os membros do Partido. Por isso mesmo, os nossos militantes ainda hoje são facilmente atingidos pela propaganda ideológica do imperialismo e das classes dominantes.

“... sem elevar o nível ideológico e político dos membros do Partido, tanto das direções como das bases, não estaremos em condições de aplicar com êxito a nossa orientação política revolucionária...”

Na verdade, como já reconhecemos em outras ocasiões, uma das causas fundamentais dos erros oportunistas que vimos cometendo reside no nosso baixo nível ideológico, na nossa falta de conhecimentos teóricos e na nossa reduzida capacidade política.

O levantamento do nível ideológico do Partido exige que intensifiquemos a educação de nossos quadros nos princípios do marxismo-leninismo. O problema da educação teórica dos membros do Partido se reveste de importância decisiva para o sucesso da luta revolucionária que travamos contra o imperialismo e seus aliados internos — os latifundiários e a grande burguesia — pois somente armados da teoria marxista-leninista não seremos surpreendidos pelos acontecimentos, poderemos nos orientar sem vacilações em face da situação nacional e internacional, estaremos em condições de prever o curso dos



Maurício Grabois

acontecimentos, de interpretar com exatidão esses acontecimentos e de dar a justa solução para todos os problemas da revolução brasileira.

Somente através do estudo persistente dos mestres do marxismo, na luta pelo domínio da teoria revolucionária do proletariado é que cada militante poderá interpretar e explicar, como é de seu dever, os acontecimentos políticos do ponto de vista do marxismo-leninismo e educar as massas no sentido da luta de classes, do combate intransigente ao imperialismo e da luta pela democracia popular.

LUTAR CONTRA A INFLUÊNCIA DAS IDEOLOGIAS ESTRANHAS AO PROLETARIADO NO SEIO DO PARTIDO

É imprescindível desenvolver séria luta ideológica dentro do Partido, realizar verdadeira reviravolta ideológica, cuidar com carinho e afincado da elevação do nível teórico de nossos quadros.

Já o grande Lênin, com o seu gênio e a sua clarividência, mostrava que a luta teórica era tão importante para o Partido como a luta política e a luta econômica. Referindo-se à posição de um dos fundadores do socialismo científico sobre a importância da teoria, dizia Lênin em sua obra: *Que Fazer?*

“Engels reconhece não duas formas da grande luta da social-democracia (a política e a econômica) — como se propala entre nós —, mas três, colocando a seu lado também a luta teórica.”

“Engels reconhece, **não duas** formas da grande luta da social-democracia (a política e a econômica) — como se propala entre nós — **mas três, colocando a seu lado também a luta teórica**”.

Assim, não devemos nos satisfazer pelo fato de possuímos uma acertada orientação estratégica e uma tática revolucionária. É urgente tratar com continuidade da capacitação teórica e política dos quadros do Partido, pois devemos compreender, cada vez mais, que a execução das próprias tarefas práticas, que resultam da justa orientação política, dependem na maior parte da elevação de nosso nível ideológico e político. É o que a esse respeito nos ensina o sábio camarada Stálin quando afirma que “da preparação ideológica e do fortalecimento político dependem nove décimos para a solução de todos os nossos problemas práticos”.

Enquanto nos orientávamos por uma linha política oportunista, ocultando nossos objetivos revolucionários, não aprofundando a luta de classes, mas ao contrário tentando amainá-la, não sentíamos toda a importância do estudo da teoria marxista-leninista e a nossa tendência era subestimar a teoria. Mas agora, quando fazemos esforços para pôr em prática uma linha efetivamente revolucionária, a teoria marxista-leninista torna-se para nós tão necessária como o próprio ar que respiramos.

Para que possamos conquistar os objetivos revolucionários do proletariado, precisamos nos livrar de todas as concepções e teorias estranhas à classe operária, precisamos estar armados da teoria revolucionária do proletariado, dominar a ciência marxista-leninista das leis do desenvolvimento da sociedade.

Isto é tanto mais importante, quando vivemos num país em que os imperialistas norte-americanos, dominando a **quase totalidade dos meios de propaganda, realizam, em todos os terrenos, uma intensa e persistente campanha ideológica que ainda exerce influência no seio do proletariado.** Essa campanha ideológica do imperialismo atinge às vezes a própria cidadela da classe operária — o seu

partido de vanguarda — fazendo penetrar nos seus setores mais débeis contrabandos políticos e ideológicos. Não são raros os casos em que militantes do Partido se deixam influenciar pelas campanhas de mentiras e calúnias dos inimigos de nosso povo e por jornais demagógicos a serviço do imperialismo, como *O Mundo*, *A Notícia*, do Distrito Federal, e outros imundos pasquins da imprensa burguesa.

Por outro lado, o ingresso em nossas fileiras, principalmente durante o período de legalidade do Partido, de grande número de elementos oriundos da pequena burguesia, embora combativos, mas ideologicamente ainda não ganhos para o proletariado, faz com que o nosso Partido sofra constantemente a pressão de ideologias estranhas à classe operária. Esses elementos, apesar de sua contribuição à luta do Partido, enquanto não forem completamente conquistados do ponto de vista ideológico para a classe operária, trazem para as nossas fileiras as suas vacilações, dificultam a realização de nossa linha revolucionária, entram a execução de uma estratégia e uma tática firmes e obstruem a condução de nossa luta de acordo com a organização e a disciplina inerentes ao proletariado.

Embora em escala muitíssimo menor do que acontece com os militantes de outra origem, também os elementos oriundos da classe operária, que vieram para o Partido, não estão imunes às influências de ideologia burguesa. Apesar de serem os elementos mais esclarecidos e combativos da classe operária, eles que possuem todas as virtudes da classe operária brasileira, ainda padecem dos mesmos defeitos do proletariado donde proveêm, proletariado na sua grande maioria vindo recentemente do campo, sofrendo pressão ideológica direta das classes dominantes que procuram desviá-lo da luta de classes e incutir-lhe, através de um trabalho sistemático de propaganda e de demagogia, a colaboração de classe, o reformismo.

“Foi por insuficiência teórica que tanto demoramos a adotar justa orientação política e tática...”

Essa situação determina que os militantes de origem proletária, que por instinto de classe têm maiores possibilidades de enxergar os desvios e erros do Partido, ainda não exerçam suficientemente sua vigilância de classe no sentido de garantir ao Partido uma orientação política justa e uma aplicação firme e independente da linha política.

GRANDE É A SUBESTIMAÇÃO DA TEORIA EM NOSSO PARTIDO

Por sua vez, o nosso nível teórico e a nossa subestimação da teoria, particularmente no que se refere aos quadros da direção nacional, nos causa os maiores embaraços para encontrar a justa solução para os problemas da revolução. Foi por insuficiência teórica que tanto demoramos a adotar justa orientação política e tática e ainda hoje nos debatemos entre as maiores dificuldades para enfrentar com acerto alguns importantes problemas táticos, o que vem entravando nossa ação revolucionária. Por essa mesma razão, ainda não enfrentamos, como é necessário, o estudo dos problemas brasileiros, não analisamos com profundidade o caráter da revolução brasileira, não generalizamos nossas experiências, não estudamos a história do nosso Partido e a história das lutas revolucionárias de nosso povo.

Devemos, portanto, enfrentar seriamente o problema ideológico, pois sem vencermos o nosso atraso no campo ideológico não aplicaremos conseqüentemente nossa linha política, não poderemos conquistar a democracia popular e abrir, assim, o caminho para o socialismo.

Agora mesmo, várias foram as falhas já assinaladas no informe político, verificadas na atividade do Partido, cuja causa principal foi de caráter ideológico. Tanto as tendências de direita, o espontaneísmo na aplicação da orientação, o atraso no trabalho de organização e unificação da classe operária e na criação da F.D.L.N., as ilusões em Getúlio, etc., como as tendências de esquerda, confusão da palavra de ordem de agitação com palavra de ordem de ação imediata, posição sectária diante das eleições sindicais, menosprezo das formas legais de luta, etc., são debilidades que surgiram fundamentalmente, devido ao nosso baixo nível ideológico.

A realidade é que, apesar disso, temos dado pouca importância à educação teórica de nosso Partido. Devemos reconhecer que a frente ideológica é das mais subestimadas — senão a mais subestimada — entre nós. Sem exagero, podemos afirmar que quase nada fizemos para elevar o nível ideológico do Partido, para aumentar a capacitação teórica de nossos quadros, para estimular e desenvolver entre os militantes o gosto pelo estudo individual e coletivo das obras dos mestres do marxismo-leninismo. Muito pouco foi realizado pelos nossos organismos dirigentes para armar o Partido com a teoria marxista-leninista, capaz de assegurar a unidade ideológica em nossas fileiras, como base indestrutível do

Partido. Não tivemos como ainda não temos, a preocupação de assegurar essa unidade ideológica, organizando e executando um plano de educação teórica e combatendo, através de uma luta ideológica permanente e implacável dentro do Partido, as teorias e idéias que servem às forças reacionárias — ao imperialismo, aos latifundiários e à grande burguesia.

Nossas iniciativas práticas no campo da educação são reduzidas tanto no que se refere ao estudo individual e aos cursos e escolas de capacitação teórica e política, quanto à edição e difusão de obras marxistas.

Nossa atividade editorial só teve certo impulso durante o período de legalidade do Partido. Assim mesmo nesse período deixamos de publicar um grande número de obras básicas indispensáveis à educação de nossos militantes e não tivemos qualquer preocupação em organizar o estudo dos livros e folhetos marxistas que editamos, nem mesmo do *Compêndio de História do Partido Comunista (b) da U. R. R. S.*, obra imprescindível para a formação de cada comunista. Os livros marxistas que imprimimos eram distribuídos pelo Partido mais com o objetivo de angariar recursos financeiros do que para educar teoricamente os comunistas e elevar seu nível ideológico. Depois da legalidade, muito pouco foi editado. Nem mesmo tivemos a iniciativa de estimular, organizadamente, a distribuição e a leitura dos livros dos clássicos do marxismo já editados.

“A subestimação da importância da teoria, resulta evidentemente de nossa incompreensão do papel de vanguarda que deve desempenhar o Partido...”

Quanto à educação dos membros do Partido através de escolas e cursos, somente durante o período de vida legal do Partido foram organizados alguns cursos que muito pouco podiam contribuir para a elevação do nível ideológico dos quadros, devido à linha oportunista que então trilhávamos. Depois da mudança da linha política em janeiro de 1948 até os dias de hoje, não realizamos um curso sequer, por mais elementar que fosse, o que revela o nosso excessivo praticismo e o desprezo pela teoria e também evidencia a nossa incompreensão do sentido profundo da reviravolta que era necessário realizar em

todos os aspectos de nossa atividade com o lançamento daquele manifesto.

No que se refere à nossa imprensa, apesar dos grandes progressos que fizemos, com os melhoramentos do conteúdo do nosso órgão central e da revista teórica, de um modo geral seu nível ideológico ainda não satisfaz às necessidades da nossa luta revolucionária. No entanto, a leitura cuidadosa do nosso órgão central, da revista teórica e da *Democracia Popular*, é uma grande ajuda para a elevação do nível político e ideológico dos membros do Partido. Mas a verdade é que dentro do Partido, existe tal subestimação pela educação, principalmente pela falta de estímulo e de orientação, que reduzido é o número de militantes que lê e estuda os artigos e editoriais publicados nesses três periódicos.

A SUBESTIMAÇÃO DA TEORIA ESTÁ LIGADA À SUBESTIMAÇÃO DA POSIÇÃO DE VANGUARDA DO PARTIDO

A subestimação da importância da teoria, resulta evidentemente de nossa incompreensão do papel de vanguarda que deve desempenhar o Partido, que não pode efetivamente ocupar essa posição de vanguarda se não estiver armado da teoria marxista-leninista, se não dominar as leis do desenvolvimento da sociedade.

Quanto aos quadros do Partido, dispomos de militantes abnegados e capazes de todos os sacrifícios pela causa do proletariado, mas nada ou quase nada temos feito para transformar esses militantes combativos em lutadores política e ideologicamente formados. Poucos são ainda em nosso Partido os quadros com capacidade de direção e, assim mesmo, seu nível ideológico está muito aquém das nossas necessidades e o seu nível teórico ainda é baixo. Os quadros intermediários, pouco mais numerosos, na sua quase totalidade são praticistas e o seu nível político e ideológico é excessivamente baixo. Os militantes de base, apesar da combatividade e abnegação, do ponto de vista ideológico, na sua esmagadora maioria, pouco se distinguem da massa da classe operária. É evidente que falta ideologia à maioria dos quadros do Partido. Os membros do Partido não foram educados no espírito da luta de classes, no sentido de adquirir uma consciência revolucionária, para realizar as tarefas históricas do Partido do proletariado. Nossos quadros não estão sendo formados para a luta pelo socialismo como devem ser educados todos os militantes do movimento operário revolucionário. Já o camarada Stálin

em sua obra *Anarquismo ou Socialismo* ensinava:

“O ideal socialista não é um ideal de todas as classes. É somente o ideal do proletariado e em sua realização não estão diretamente interessadas todas as classes mas tão-somente o proletariado”.

Assim, como partido que somos da classe operária, embora na atual etapa da revolução não seja, por isso mesmo, o socialismo o nosso objetivo, mas sim a conquista da democracia popular, nós compreendemos que, como vanguarda do proletariado, devemos forjar a consciência socialista de cada militante, ajudando por todos os meios os membros do Partido a assimilar o marxismo-leninismo.

Isso acontece em boa parte porque nós, como direção nacional do Partido, devido à nossa formação praticista, não enxergamos toda a importância do estudo da teoria para a construção do Partido e, pela mesma razão, sempre vimos a elevação do nível ideológico dos militantes como uma tarefa secundária, acessória, desligada do processo de construção do Partido.

Temos atualmente um Partido combativo que dirigiu lutas de repercussão e intensos movimentos de massa. Nosso Partido tem grandes tradições revolucionárias, luta corajosamente contra a reação e o imperialismo, é ouvido e seguido por amplos setores das massas. Mas isso não basta. Necessitamos estudar a teoria revolucionária do proletariado, o marxismo-leninismo, para termos em todo o Partido, de cima a baixo, camaradas que saibam se orientar acertadamente diante dos acontecimentos, que possam cumprir efetivamente o seu papel de dirigentes da classe operária e do povo.

COMO ELEVAR O NÍVEL IDEOLÓGICO DOS MILITANTES

Mas se é de grande importância educar todos os militantes do Partido nos princípios do marxismo-leninismo, mais importante ainda é a necessidade que têm todos os dirigentes de assimilar, em íntima ligação com a aplicação de nossa linha política revolucionária, os ensinamentos do marxismo-leninismo e saber aplicá-los de maneira justa à realidade brasileira.

A respeito da necessidade dos elementos dirigentes dominarem o marxismo-leninismo, o camarada Stálin, em fevereiro de 1925, formulando os doze pré-requisitos necessários à bolchevização do Partido, deixou bem claro não só a necessidade do Partido assimilar o marxismo-leninismo como destacou ainda mais toda a importância da educação teórica dos

quadros dirigentes. Na segunda condição das doze formuladas, diz o camarada Stálin:

“É necessário que o Partido, sobretudo seus elementos dirigentes, assimilem completamente a teoria revolucionária do marxismo, unida indissolivelmente com a prática revolucionária”.

Assim, se compreendemos toda a importância para o Partido da realização de uma efetiva e profunda reviravolta na frente ideológica e a necessidade urgente de levá-la a cabo, precisamos indicar os meios que nos conduzem efetivamente à elevação do nível ideológico do Partido em seu conjunto e de sua direção em particular.

“O que é necessário é estimular o trabalho criador dos quadros, ligando as proposições teóricas do marxismo-leninismo à atividade prática do Partido...”

O nível ideológico de nossos militantes e dirigentes irá se elevando com a sua participação ativa na luta prática da classe operária e das massas trabalhadoras por suas reivindicações políticas e econômicas. Na luta persistente e corajosa pela aplicação de nossa linha política e tática, os membros do Partido irão adquirindo experiência, irão se forjando como combatentes revolucionários da classe operária. Mas só conseguirão assimilar o marxismo-leninismo e elevar efetivamente o seu nível ideológico se, simultaneamente com a luta, estudarem com afinco a teoria revolucionária do proletariado. É evidente que não devemos enveredar pelo caminho do estudo formalista, mecânico e acadêmico do marxismo-leninismo. Essa espécie de estudo não pode ajudar de forma alguma a elevação do nível ideológico e político dos membros do Partido. Não se trata de fazer os nossos militantes decorar os textos dos clássicos do marxismo ou de fazer exposições abstratas fora da realidade brasileira e de nossa linha política. O que é necessário é estimular o trabalho criador dos quadros, ligando as proposições teóricas do marxismo-leninismo à atividade prática do Partido, à luta pela paz e libertação nacional.

Conseguiremos também elevar o nível ideológico de nosso Partido através do esforço autocrítico que precisamos fazer na prática, a fim de efetivamente nos libertarmos dos erros do oportunismo e do sectarismo que têm, até então, entravado o desenvolvimento de nossa ação revolucionária. Com o auxílio da arma

revolucionária da crítica e autocrítica, que deve ser utilizada de cima a baixo no Partido, na justa medida, sem exageros ou flagelações desnecessárias e prejudiciais — como, por vezes, ultimamente entre nós acontece — que não fazem parte do método de autocrítica stalinista, iremos nos temperando ideologicamente, formaremos os quadros no espírito revolucionário e protegeremos o Partido da influência desagregadora da ideologia burguesa e do oportunismo. Assim, ajudaremos os militantes a elevar o seu nível ideológico, pois serão armados ao vivo, na base dos próprios erros, com a clara compreensão das leis do desenvolvimento social e da luta de classes no país e adquirirão confiança na vitória final da democracia e do socialismo.

Por último, temos necessidade urgente de organizar o estudo teórico do marxismo-leninismo, em estreita ligação com a aplicação prática de nossa linha política e tática. Esse estudo, através da leitura individual, das escolas, cursos e palestras, etc., é uma tarefa permanente e fundamental. É uma tarefa normal e constante de nosso Partido, a fim de que ele possa exercer seu papel de vanguarda e crescer no curso da luta pelos seus objetivos revolucionários.

Cada célula e organismo do Partido deve ter, entre outras finalidades, um objetivo de educação, deve ser uma escola que visa formar ideológica e politicamente os seus membros.

MEDIDAS PRÁTICAS PARA A EDUCAÇÃO TEÓRICA DO PARTIDO

Nesta intervenção, procuraremos dar uma orientação geral para o Partido sobre a maneira de estudar, nas condições em que nos encontramos, o marxismo-leninismo.

Em primeiro lugar, devemos dar uma especial atenção ao estudo individual, que é tarefa e dever de cada comunista. Precisamos ter em conta que o estudo individual é o método principal para a elevação do nível teórico dos militantes do Partido. É necessário que cada militante, em particular os dirigentes, distribua de tal maneira o seu tempo de modo que, após a realização de suas tarefas práticas, lhe sobre tempo necessário ao estudo individual. Apesar de nosso grande atraso editorial e da pouca atenção que até agora demos ao estudo teórico, já possuímos em português alguns importantes livros e folhetos marxistas que nos permitem avançar no estudo individual.

No que se refere à edição e difusão dos livros dos clássicos do marxismo, é necessário elaborar imediatamente um plano de publicações, cujo cumprimento é imprescindível realizar

sem medir esforços nem sacrifícios.

Tarefa urgente, que diz respeito especialmente ao Comitê Nacional e aos principais Comitês Estaduais, é a de organizar o estudo e a análise, do ponto de vista marxista, dos problemas econômicos e sociais de nosso povo, com o objetivo fundamental de dar aos dirigentes do Partido uma visão correta e precisa da realidade brasileira, a fim de que possamos aplicar de maneira justa a nossa linha política e tática.

Outra medida prática para o estudo do marxismo-leninismo, de que o Partido não pode prescindir é a organização de escolas e de cursos de capacitação de quadros e para a elevação do nível político e ideológico dos membros do Partido.

Com essa finalidade, é necessário e urgente organizar em caráter permanente a escola central, sob o controle do Comitê Nacional, para quadros dirigentes e intermediários. É também indispensável, em cada Comitê Estadual dos Estados mais importantes, organizar em caráter permanente sua escola estadual para ativistas.

Nesse sentido, precisamos tomar as providências imediatas para elaborar os programas dessas escolas e formar com toda a rapidez os professores em número necessário.

Embora nessas escolas, de acordo com o seu grau, seja indispensável ensinar princípios do materialismo dialético e histórico, fundamentos de economia política, história do movimento operário internacional, História do P.C. (b) da U.R.S.S., etc., precisamos agora, no entanto, na organização dos programas das escolas e cursos, começar pelo estudo de todos os problemas que se relacionam diretamente com a aplicação da linha política e tática de nosso Partido, porque, hoje, a tarefa primordial no terreno da educação revolucionária é conhecer a nossa linha e saber aplicá-la com acerto.

PROVIDÊNCIAS IMEDIATAS PARA ELEVAR O NÍVEL IDEOLÓGICO DOS MILITANTES

Independente dessas medidas, que demandarão algum tempo para serem executadas, nas condições em que nos encontramos, algumas medidas práticas iniciais podem ser tomadas pela direção nacional, para iniciarmos desde já a reviravolta no trabalho de elevação do nível ideológico. Propomos as seguintes medidas práticas:

1) Organizar e pôr em funcionamento um curso para a formação de secretários de células de empresas.

2) Tomar as providências para elevar o nível teórico dos membros do C.N.: realização de seminários para discutir os problemas teóricos e políticos que o Partido enfrenta na aplicação da linha política e tática; estabelecer para cada membro do C.N. um plano de estudo individual e controlar sua execução.

3) Elevar o nível ideológico de nossa imprensa, particularmente de nosso órgão central, que deve desenvolver com mais amplitude a propaganda do marxismo-leninismo, realizar cursos por correspondência e tomar outras iniciativas.

A primeira medida prática objetiva o fortalecimento e ampliação do número de nossas células de empresa. Na tarefa decisiva que nos empenhamos de construir o Partido nas empresas, o papel dos secretários das células de empresa destaca-se por sua importância para o funcionamento e desenvolvimento desses organismos de base. Muitos de nossos organismos de empresas fundamentais têm atividade irregular, pequena ligação com a massa e fraca vida política, devido em boa parte ao baixo nível de seus dirigentes que, apesar de combativos, pouco conhecem nossa linha política, não sabem ainda se orientar com rapidez e acerto necessários para enfrentar os problemas que surgem na empresa. Como uma das medidas iniciais para o fortalecimento das atuais células de empresas e para a criação de novas, precisamos dar uma atenção toda especial à elevação do nível ideológico dos secretários de células de empresa, explicando-lhes melhor nossa atual linha política e educando-os nos princípios do marxismo-leninismo. Nesse sentido, a organização de um curso para a formação de secretários de células de empresa é uma tarefa indispensável e imediata que dará um sério impulso no desenvolvimento do trabalho para enraizar efetivamente o Partido nas empresas, particularmente nas grandes empresas.

A segunda medida prática que sugerimos enfrenta, em parte, o problema da elevação do nível teórico da direção nacional. O papel das direções é igualmente decisivo para a aplicação de nossa justa orientação política. Precisamos nos esforçar ao máximo para nos colocarmos, do ponto de vista teórico, como nos demais aspectos de nossa ação, à altura das tarefas históricas que cabem ao partido do proletariado. Somos em conjunto, apesar dos êxitos que temos tido, uma direção ainda praticista, que pouco estuda sistematicamente a teoria e os problemas da revolução. Contribuímos muito

pouco, com algumas exceções, para esclarecer e enriquecer a nossa linha política e tática, e nossas colaborações na imprensa do Partido sobre a aplicação da linha política têm sido bastante insuficientes.

Através da realização de seminários com os elementos da direção para o debate e estudo dos problemas teóricos e políticos, que devemos imediatamente programar, os membros do Comitê Nacional poderão elevar, no fogo de luta pela aplicação da linha política, os seus conhecimentos teóricos. A mesma finalidade educativa tem o estudo individual para os membros da direção nacional. Esse estudo, que não pode ser igual, pelo programa e pelo ritmo, ao estudo dos demais membros do Partido, propomos que seja enfrentado como tarefa e como tal controlado pelo Comitê Nacional.

A última medida prática proposta para ser executada imediatamente refere-se à utilização

de nossa imprensa para o levantamento do nível ideológico dos membros do Partido. Aproveitamos muito pouco a imprensa do Partido para a educação ideológica dos nossos militantes, quando nesse terreno ela pode desempenhar um papel inestimável. Devemos saber utilizar essa poderosa arma — a imprensa de nosso partido — que rapidamente chega às nossas bases, para fortalecer ideologicamente os nossos militantes. A nossa imprensa, particularmente o órgão central do Partido, além de defender intransigentemente os interesses das grandes massas e popularizar a nossa linha política, precisa ser um educador por excelência dos membros do Partido.

A elevação do nível ideológico virá contribuir para que os nossos militantes reforcem sua posição de vanguarda na luta que o nosso povo trava pela paz, pela independência nacional, pela democracia popular e socialismo.

“Se raciocinarmos como marxistas, devemos dizer: os exploradores inevitavelmente transformam o Estado (e falamos de democracia, isto é, de uma das formas de Estado) em instrumento de domínio de sua classe, da classe dos exploradores sobre os explorados. Portanto, enquanto existirem exploradores que exerçam seu domínio sobre a maioria — os explorados —, o Estado democrático será inevitavelmente uma democracia para os exploradores. O Estado dos explorados deve distinguir-se por completo de semelhante Estado; deve ser uma democracia para os explorados e um meio para reprimir os exploradores; e a repressão de uma classe significa desigualdade para essa classe, sua exclusão da “democracia”.

(Lênin: A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky).

O que é a Democracia Popular?

O texto que se publica foi condensado do Pequeno Dicionário Filosófico (edição francesa de 1955).*

A Democracia Popular é uma forma nova de organização política da sociedade, surgida em vários países da Europa e da Ásia após a II Guerra Mundial, graças à vitória da coligação antifascista, com a União Soviética à frente, sobre os imperialistas alemães e japoneses, e também devido ao triunfo do movimento de libertação dos povos.

ETAPAS DIFERENTES

Nos países do Centro e do Sudeste da Europa, a Democracia Popular nasceu no curso da luta contra o fascismo interno e externo, pela independência nacional e pelas liberdades democráticas. Aproveitando as condições favoráveis criadas com a vitória da URSS sobre o nazi-fascismo, as massas populares, dirigidas por seus partidos comunistas e operários, fizeram a revolução em meio a uma luta de classes implacável, e instauraram o regime democrático popular.

A Democracia Popular desenvolveu-se passando por etapas diferentes, variando, em consequência, o seu conteúdo de classe. Na primeira etapa — antiimperialista, antifeudal — a Democracia Popular desponta como órgão do poder revolucionário que, por seu conteúdo, é uma espécie de ditadura da classe operária e do campesinato, sob a direção da classe operária. Uma das particularidades desse primeiro período é a concentração do ataque das forças progressistas no imperialismo e no fascismo.

A implantação da Democracia Popular significou a derrocada da grande burguesia industrial e financeira, assim como dos latifundiários, e a transferência do poder para as mãos do povo, com o proletariado na vanguarda. Uma vez criado o poder popular, a classe operária daquelas regiões da Europa

centralizou sua atenção nas tarefas democráticas de ordem geral, em primeiro lugar nas de natureza agrária. Era necessário liquidar as consequências da dominação fascista, tanto na economia como na esfera política; assegurar a democratização de todos os setores da vida social; proceder à reforma agrária e pôr fim aos vestígios de relações feudais. As terras dos latifundiários foram confiscadas e entregues aos camponeses, segundo o princípio de “a terra aos que nela trabalham”. As transformações agrárias, com o fortalecimento da propriedade do campesinato, consolidaram a aliança operário-camponesa. Ao mesmo tempo, confiscaram-se os capitais dos grandes monopólios estreitamente ligados ao fascismo, medida considerada democrática de ordem geral, mas que enfraquecia o capitalismo e representava um passo adiante rumo ao socialismo.

A PASSAGEM À ETAPA SOCIALISTA

O cumprimento das principais tarefas democráticas — derrota das forças fascistas, conquista da independência nacional e das liberdades democráticas, liquidação do sistema latifundiário — indicava que a primeira etapa da revolução antiimperialista e antifeudal já fora efetivada no essencial. Certamente, restavam outros objetivos democráticos. Mas estes seriam enfrentados numa nova etapa da revolução, a etapa socialista. Passou então para o primeiro plano o problema das contradições entre a classe operária e a burguesia. Entrava-se, assim, na etapa estratégica da revolução socialista.

Nesse período, a burguesia representava ainda uma força considerável pelo fato de contar com o apoio de importantes camadas pequeno-burguesas e semiproletárias. Jogava

* De Rosenthal e Yudin.

papel ativo na vida política, tinha seus partidos, sua imprensa, seus representantes no Parlamento, no governo e em alguns outros órgãos do poder. Suas posições econômicas eram até então bastante sólidas. Conservava certo número de bancos, fábricas e usinas. Sua força e energia provinham não apenas das posições econômicas e políticas que detinham no interior do país, mas igualmente do apoio do imperialismo estrangeiro. Estimulada do exterior, a burguesia dos países europeus de democracia popular realizava uma luta encarniçada pelo poder. Criava obstáculos à concretização de transformações democráticas, esforçava-se por derrubar o poder popular e instaurar a sua própria ditadura.

Para consolidar e estender as conquistas do povo, era preciso derrotar a burguesia e resolver definitivamente a questão do poder, ou seja, passar da ditadura da classe operária e do campesinato para a ditadura do proletariado.

MEDIDAS PARA ISOLAR E DERROTAR A BURGUESIA

A questão do poder é o problema essencial da revolução socialista. A fim de resolvê-lo, fazia-se indispensável, antes de tudo, extirpar a influência da burguesia sobre as massas populares por ela enganadas. Ao longo de uma luta aguda, os partidos comunistas operários trataram de desvendar diante dos trabalhadores os projetos antipopulares e antinacionais da burguesia, procuraram denunciar os planos reacionários de seus chefes políticos e o trabalho de sapa efetuado pelos partidos burgueses, sob a inspiração dos imperialistas estrangeiros. Desse modo, abalaram a influência da burguesia entre a população.

Privada a burguesia do seu apoio social, o proletariado tomou providências visando à sua liquidação política: os partidos burgueses, a serviço dos imperialistas, foram dissolvidos; interditou-se a imprensa burguesa; afastou-se do governo e de outros órgãos estatais os representantes dessa classe exploradora. Simultaneamente, nacionalizaram-se as indústrias, os bancos, os transportes, os correios, as fontes naturais de matérias-primas e de energia. No decurso da luta revolucionária, destruiu-se o antigo aparelho do Estado e criou-se um novo, popular, capaz de cumprir as funções da ditadura do proletariado.

A liquidação da cisão no movimento operário, com a formação de partidos proletários unificados sob a base do marxismo-leninismo e a derrota da ala direita dos partidos socialistas, agentes da burguesia entre os trabalhadores, revestiu-se da maior importância para toda a vida social dos países de democracia popular.

As transformações econômicas, sociais e políticas realizadas naqueles países europeus, configuraram a revolução socialista, a ditadura do proletariado. A forma política dessa ditadura é o regime de Democracia Popular. Lênin assinalou mais de uma vez que a forma política da ditadura do proletariado pode ser variada. "A passagem do capitalismo ao comunismo — disse ele — não poderá deixar de fornecer grande quantidade e diversidade de formas políticas; mas sua essência será necessariamente uma só — a ditadura do proletariado".

BASE SOCIAL E POLÍTICA DA DEMOCRACIA POPULAR

A Democracia Popular surge como o poder do povo, isto é, de todos os trabalhadores, com a classe operária à frente. O proletariado e o campesinato constituem a sua base social, sendo a aliança firme entre estas duas classes uma das condições decisivas do sucesso na marcha para o socialismo. O papel dirigente nessa aliança cabe à classe operária. A base política da Democracia Popular é composta dos organismos eleitos pelo povo, através do sufrágio universal, igual, direto e secreto. A totalidade do poder pertence aos trabalhadores, de baixo até em cima.

MUDANÇAS REVOLUCIONÁRIAS

As teorias sobre o desenvolvimento dos países de Democracia Popular pela via da "harmonia" e da "conciliação" dos interesses de classe, pela "integração pacífica" do capitalismo ao socialismo etc., são antimarxistas, contrárias à causa da edificação socialista. As questões fundamentais dessa edificação exigem mudanças revolucionárias. Dependem de leis gerais, comuns a todos os países, o que não exclui a originalidade das formas e dos meios de resolver os problemas em tal ou qual nação. Os países de Democracia Popular são cenário de uma intensa luta de classes que se desenrola nos planos político, econômico e ideológico. Apoiando-se nas leis objetivas da vida econômica, na lei da correspondência obrigatória entre as relações de produção e o caráter das forças produtivas, o regime de democracia popular destrói a velha estrutura econômica da sociedade, a estrutura capitalista, e assegura a formação da estrutura socialista. Para liquidar a contradição engendrada pelo capitalismo entre o caráter social da produção e a forma privada da apropriação, o Estado de Democracia Popular realiza a socialização dos meios de produção.

Colômbia — A Verdadeira Situação do País *

Revolución

A vizinha Colômbia é um dos países de grande tradição de luta antiimperialista e democrática na América Latina. Este artigo expõe o ponto de vista dos revolucionários colombianos sobre a situação de sua Pátria e denuncia a política demagógica dos círculos dirigentes, com o fito de perpetuar sua dominação sobre o povo.

Ao examinar a economia colombiana no ano de 1980, o Presidente Turbay** afirmou que, se bem o crescimento econômico tivesse sido inferior ao dos anos anteriores, o país tinha vivido um ritmo de expansão acompanhado de fatores positivos: a redução da inflação, a política de preços internos, particularmente no setor energético, e a passagem, sem traumatismo, de uma situação "atípica" de desenvolvimento acelerado para outra "normal" de crescimento mais lento.

INFLAÇÃO

Contra toda a evidência, derivada da penosa situação do povo colombiano, o Governo ajustou a percentagem da inflação para 1980 em, aproximadamente, 26%, dois pontos menos do que em 1979. Independentemente do que têm de enganador esses danos, que se chocam com a pequena capacidade de compra dos trabalhadores, com a falta dos alimentos indispensáveis na maioria dos lares colombianos, e com a impossibilidade de obter serviços de saúde, educação etc..., a inflação, como mal crônico, é, no país, um fator que pesa gravemente sobre as massas trabalhadoras, acentuando o seu maior empobrecimento, pois, à medida que conduz à elevação geral e rápida dos preços dos artigos de consumo, atua como oneroso imposto indireto sobre todo o povo. Cada peso (moeda colombiana) a mais que as massas têm de entregar, a fim de conseguir a mesma mercadoria, ou menos, vai parar no bolso de um punhado de exploradores. Bem sabemos que na época dos monopólios, o contínuo incremento dos preços, manejados pelos monopolistas, converte-se num dos métodos mais eficazes para aumentar os lucros e garantir a ele-



Logotipo de **Revolución**, órgão do PCC (m-l)

vação da rentabilidade de suas inversões. Com este jogo sujo, todas as mercadorias aumentam de preço, à exceção da mercadoria força de trabalho, reduzindo de forma constante o valor do salário real.

"... a inflação... é, no país, um fator que pesa gravemente sobre as massas trabalhadoras..."

Daí porque as medidas antiinflacionárias do Governo jamais serão dirigidas contra as verdadeiras causas da inflação. Todo alvoroço em torno da política monetária do Governo, do controle do crédito, das restrições à elevação dos meios de pagamento etc., é simples ajuste na circulação monetária tendente a ocultar a essência daquele fenômeno, instrumento de espoliação nas mãos da burguesia. Com tais medidas, intentam os governantes aliviar um pouco a pressão social existente, que cresce sem cessar, pois os trabalhadores intensificam as lutas contra o rebaixamento de suas condições de vida.

PREÇO DOS COMBUSTÍVEIS

O segundo fator considerado positivo pelo presidente Turbay, seria o de ter mantido "uma política o mais realista possível em matéria de preços internos de energia". É bom recordar que o aumento dos preços em matéria energética (aqui se incluem os combustíveis), afeta todos os demais artigos de consumo e

* Artigo publicado no jornal Colombiano **Revolución**.

** Turbay Ayala, atual Presidente da Colômbia.

desencadeia de imediato uma onda altista. Para o Governo, o termo "realista" significa o encarecimento constante e progressivo da energia em detrimento dos consumidores, ao mesmo tempo que melhoram as condições para elevar os lucros das grandes companhias que operam nesse ramo. Aos olhos da burguesia mundial, o problema energético constitui a causa da crise que ameaça a civilização construída sobre a base do petróleo. E com todo esse ambiente de atemorização, ela pretende sejam o proletariado e os povos dos distintos países aqueles que carreguem as conseqüências da escassez de combustível e se sacrifiquem em benefício do imperialismo.

"... pretende sejam o proletariado e os povos dos distintos países aqueles que carreguem as conseqüências da escassez de combustível e se sacrifiquem em benefício do imperialismo."

O governo de Turbay, fazendo coro com a burguesia imperialista, vem aplicando uma política de acréscimos graduais, disfarçadas de "realismos", com a pretensa finalidade de solucionar a crise energética. No curso de 1980, os aumentos decretados no preço da gasolina atingiram o nível de 69%, que se sabe muito bem sobre quem recaem. Porém, esse Governo entreguista nada diz acerca da longa história de traições da burguesia colombiana que serviu numa bandeja de prata nosso petróleo aos imperialistas norte-americanos não apenas para que o explorassem de forma predatória, mas também a fim de controlarem o conhecimento do potencial real petrolífero do país e dominarem sua comercialização, impondo os preços. É bom salientar igualmente que 1980 se caracterizou pela infame entrega das grandes reservas de carvão das minas de El Cerrejon à multinacional EXXON, do grupo Rockefeller, sob a forma de contrato de Associação, a mesma que se está utilizando na exploração estrangeira do nosso petróleo.

DESAQUECIMENTO ECONÔMICO

O terceiro fator dito positivo do presidente Turbay refere-se à passagem não-traumática a um período de crescimento menos acelerado da economia. Evidentemente a burguesia não contará com a bonança cafeeira e tampouco é clara a perspectiva de incrementar as expor-

tações não tradicionais, em face da tática atual do imperialismo e dos problemas agudos que vivem os países altamente desenvolvidos. Isso trará conseqüências inevitáveis no que respeita à disponibilidade de divisas e à balança cambial.

Não é demais fazer uma referência à recessão que se verifica nos países capitalistas e também na Colômbia, assim como as difíceis condições econômicas internacionais dentro das quais os índices de crescimento registrados pela burguesia deixam muito a desejar. O comércio internacional, sob o domínio dos países imperialistas, está ordenado segundo os seus interesses. Nesse comércio, a participação dos países dependentes somente cresce enquanto favorece àqueles interesses, acomode-se à sua tática ou se coloque como necessária para adiar a revolução e minorar a crescente pressão social.

Atualmente, sem a bonança cafeeira, a burguesia colombiana volta suas vistas para as exportações diferentes das do café. Particularmente para os artigos manufaturados. No entanto, devido à importação de capitais, às inversões imperialistas disfarçadas de créditos, às indústrias mistas, e a outras formas que adquire hoje a internacionalização do capital, grande parte de nossas exportações de manufaturas estão nas mãos das multinacionais. Por sua vez, não se pode desconhecer que os mercados internacionais encontram-se abarrotados e que a competitividade de nossos produtos longe de melhorar, piorou. Em tais condições, os planos de exportação esbarram em claras limitações. Tomemos, por exemplo, o mercado exterior para os têxteis colombianos. Com a penetração do capital estrangeiro na indústria manufatureira de Taiwan, Hong Kong, Singapura e outros lugares e a elevada produção de têxteis nessas áreas, o imperialismo tem de abrir mercado à sua realização. Ademais, a China, com mão de obra barata e hábil nesse ramo, apresta-se também a receber quota no mercado norte-americano de tecidos. A par destes fatores, os países altamente desenvolvidos, ainda que desloquem ramos industriais com processos tecnológicos para eles obsoletos a fim de aproveitar a força de trabalho mais barata nos países dependentes, reservando para si as indústrias estratégicas — não prescindem daqueles ramos em termos absolutos, já que o problema do desemprego, que adquire características dramáticas e ameaçadoras, se agravariam, alcançando níveis insuportáveis; por isso, conservam alguns desses setores industriais em seu território, e, igualmente por essa razão, aplicam regimes alfandegários protecionistas que atuam como barreira à importação de manufaturados dos países dependentes.

“... os problemas do lento crescimento, da recessão aberta, da inflação, do desemprego e outros estão se agravando.”

A oligarquia crioula sabe que, tanto na Colômbia como no mundo inteiro, as perspectivas são obscuras, os problemas do lento crescimento, da recessão aberta, da inflação, do desemprego e outros estão se agravando. Portanto, o ano de 1981 não será nada promissor. A passada prosperidade cafeeira decorrentes das geadas ocorridas no Brasil e das dificuldades existentes na América Central e na África (produtores de café), agora desapareceu. Daí Turbay considerar como fenômeno positivo os baixos ritmos de crescimento da economia. Os índices da produção industrial, da agropecuária, da construção e do comércio apresentados pelos órgãos oficiais, não apenas são reduzidos, mas acham-se bastante distanciados das necessidades da população, de tal forma que o incremento constante nessas áreas cria, dia a dia, maior abismo entre produtores e consumidores. As massas trabalhadoras sabem, por experiência própria, que enquanto existir a exploração capitalista, o aceno de melhoramento substancial de suas condições de vida não passa de chamariz demagógico para lograr apoio político.

REALIZAÇÕES ENGANOSAS

O Governo faz barulhenta campanha em torno dos três chamados fatores objetivos: o crescimento de inversões públicas, o PIN (uma entidade ligada ao Estado) e aos manejos fiscais. A manipulação de cifras permite a Turbay falar do crescimento de inversões sem desdobramento inflacionário. Na realidade, esse crescimento não tem sido tão notável, pois apenas parte do que se recolhe para esse fim é aplicada. O pior ainda é que as receitas governamentais, tanto em 1979 como em 1980, provêm, em quantias consideráveis, do endividamento externo, de modo que a inversão pública significa o aprofundamento da nossa dependência. Além do mais, os gastos de funcionamento, ou seja, o que é empregado com a burocracia, consome as maiores porcentagens dessa inversão. E o que sobra dedica-se a infraestruturas enquadradas nas necessidades do capital imperialista que exige, para sua expansão, melhoramento em obras básicas, em vias de transporte, em energia, etc.

As poucas realizações do PIN representam ordenamento oficial para atrair o capital estrangeiro e favorecer os monopólios, comportando, em nossas condições econômicas, sérios elementos inflacionários que vêm piorar a situação do povo. Vale a pena mencionar que as inversões estrangeiras autorizadas pelo Governo, durante 1980, foram seis vezes superiores às do ano anterior.

Quanto à política fiscal, a experiência mostra que os impostos indiretos cobrados ao povo quotidianamente nos artigos de consumo, nas diversões, nas atividades culturais, no transporte etc., somados à captação de créditos externos, constituem a base principal das receitas estatais. Estes os fatores do aumento das receitas em 51% comparado com as do ano anterior. Todo colombiano sabe que quem menos tem é quem mais paga.

“... das mãos do atual governo ou de qualquer outro que defenda o sistema capitalista, só poderá vir maior miséria e opressão.”

Chega a ser ofensiva, nessas condições, a atitude do Governo — dando-se ares demagógicos — no que concerne ao aumento do salário mínimo que ele pretende ter sido superior à inflação. Os problemas gritantes da fome e da desnutrição, a falta absoluta de habitação para milhões de pessoas, as percentagens aterradoras da mortalidade infantil e das doenças na população, as legiões de desempregados, de crianças sem escolas e a insuficiência de serviços médicos são provas irrefutáveis da piora das condições de vida de nosso povo.

A única realidade para o proletariado e os habitantes do país é a certeza de que, das mãos da burguesia, das mãos do atual governo ou de qualquer outro que defenda o sistema capitalista, só poderá vir maior miséria e opressão. Frente a isto, resta às massas impulsionar sua luta, reforçar a sua unidade e organização com o objetivo de impor soluções que o momento exige.

DEMAGOGIA E FASCISMO

O presidente Turbay também põe em relevo a política demagógica do atual governo. Ainda que não seja novo o conteúdo dessa política, apresenta particularidades que se deve ter em conta, devido a suas implicações com a presente situação. Nesse marco se inscrevem a Lei sobre a Anistia, as propostas de entendimento, a mentirosa promessa de “prosseguir sua tare-



fa de restauração procurando o bem-estar do nosso povo” e o chamamento a “afiançar a paz e a harmonia em nossa pátria”.

A verdade é que a anistia governamental não merece a credibilidade do povo colombiano. Por essa razão, o Presidente repete que a anistia “não é um ardil, senão uma abertura democrática ao amparo da qual será possível a reconciliação da família colombiana”. Suas palavras, entretanto, não têm respaldo algum na realidade do país, pois os graves problemas econômicos e políticos que vivemos desmentem a proposição oficial sobre a suposta “abertura democrática”. É óbvio que a gravidade da crise econômica e o agravamento dos conflitos sociais dela decorrente não deixam margem a tal “abertura” por parte de quem violou os direitos e as liberdades políticas do povo.

“As bases materiais da exacerbação da luta de classes acham-se na voracidade dos exploradores e na ferocidade do Estado colombiano, que responde com violência aos justos reclamos do povo.”

Se nos apegarmos aos fatos, observamos que o período de governo do Presidente Turbay demonstra a aplicação de uma política repressiva e sanguinária como resposta às reivindicações, aos protestos e às lutas populares. Nesse sentido, não cabem dúvidas de que o Estatuto de Segurança converteu-se no símbolo do atual Governo. Quando fazemos a análise da atual situação do país, não perdemos de vista a natureza e os interesses das classes dominantes. As intenções e as ações

dos governantes dependem de tais fatores e confirmam as opiniões de setores progressistas sobre a tendência à fascistização. Enquanto se repetem, com insistência, explicações sobre as “benemerenças” da anistia, as forças armadas continuam encarcerando torturando e assassinando nossos compatriotas e os “esquadrões da morte” prosseguem atuando impunemente.

Turbay fez um apelo aos grupos e partidos políticos, aos núcleos gremiais, às forças do capital e do trabalho a fim de que “canalizem todas as suas energias para a nobilíssima finalidade de afiançar a paz e a harmonia em nossa pátria”. Este chamado, impregnado da falsidade oficial, pretende ocultar as verdadeiras causas dos conflitos sociais e intenta dissimular as posições do Governo. As bases materiais da exacerbação da luta de classes acham-se na voracidade dos exploradores e na ferocidade do Estado colombiano que responde com violência aos justos reclamos do povo. Em tais condições, não há lugar para a paz e a harmonia. As classes no poder e seu governo estão mostrando claramente que sua atitude e seu posicionamento são contrários aos interesses colombianos. Por exemplo, a ofensiva governamental contra as organizações sindicais, as freqüentes ameaças oficiais para os que rechaçam a anistia, o aperfeiçoamento dos métodos repressivos servem para confirmar os manejos enganadores da atual Administração.

Também o presidente Turbay reiterou a promessa de “prosseguir sua tarefa de restauração procurando o bem-estar do povo” e pediu o “entendimento” entre o governo, o setor patronal e as centrais sindicais materialistas. Para confirmar a absoluta falsidade dessas palavras, não se faz necessário muito esforço. Basta repassar sua obra administrativa e a realidade presente para compreender o conteúdo demagógico das palavras presidenciais. ●

O Racismo Visto por Negros da África

As teorias racistas, partindo de uma pretensa superioridade de certas raças em relação a outras, têm procurado legitimar a escravidão negra, a opressão colonial e a exploração imperialista dos povos.

Em sua célebre obra *A Origem das Espécies por Meio da Seleção Natural*, Darwin demonstrou que os animais e as plantas se modificam e se transformam sem cessar, que o aparecimento de formas novas, assim como o desaparecimento das antigas, não é devido a um ato criador de Deus, mas resultado de uma evolução natural e histórica. As pesquisas ulteriores efetuadas em animais e plantas fósseis confirmaram a teoria evolucionista de Darwin e comprovaram que os organismos antigos têm uma estrutura mais simples que a dos organismos recentes e que o homem evoluiu das formas menos complexas às formas mais complexas.

Darwin explicou em sua teoria, como a variabilidade e a hereditariedade são propriedades dos organismos. As modificações úteis à planta ou ao animal, em sua luta pela vida, fixam-se, acumulam-se e, transmitindo-se por hereditariedade, determinam o aparecimento de novas formas vegetais e animais. Como assinalou Marx, "Darwin assestou um golpe mortal à 'teologia' nas ciências naturais". Isto constituiu grande vitória da interpretação materialista dos fenômenos da natureza.

Não obstante, Marx e Engels consideravam que a doutrina darwiniana continha erros essenciais, notadamente quando afirmava que a luta no seio de uma mesma espécie constituía o fator decisivo do fenômeno biológico, dando razão assim à teoria reacionária de Malthus, o malthusianismo. Com efeito, se Darwin pôde demonstrar de maneira irrefutável a origem do homem a partir dos macacos antropóides, ele não soube sair do terreno puramente biológico para dar uma solução completa a este problema. Coube aos fundadores do marxismo resolver cabalmente o

problema da origem do homem, ao demonstrar que foi o trabalho e o emprego de ferramentas o que mais contribuiu para separar o homem do animal irracional.

Em sua obra *O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem*, Engels escreveu: "O trabalho, dizem os economistas, é a fonte de todas as riquezas. E o é efetivamente... em conjunto com a natureza que lhe fornece a matéria a ser convertida em riqueza. Mas o trabalho é infinitamente mais importante ainda. É a condição fundamental, primeira, de toda a vida humana e a tal ponto que, num certo sentido, se pode afirmar: o trabalho criou o homem".

O exagero do papel da luta pela vida na evolução dos organismos é um erro básico da teoria de Darwin. Em nome desta luta subsistem as teorias reacionárias e racistas. Sem dúvida, grande foi o mérito de Darwin em ter estudado as raças humanas e constatado entre elas forte semelhança em numerosos aspectos, bem como estreito parentesco pelo sangue. Este estudo conduziu a tirar conclusões científicas de uma comunidade de antepassados da espécie humana, conclusões confirmadas por inúmeras pesquisas posteriores.

"As raças humanas são o resultado do desenvolvimento histórico."

Assim, a teoria de Darwin e a ciência opõem o monogenismo ao poligenismo — teoria da origem do homem a partir de macacos diferentes. A teoria racista do poligenismo perdeu seus apoios principais, e a *Declaração Sobre a Raça e os Preconceitos Raciais* (UNESCO, Paris, 26.9.77) reconhece:

a) todos os homens que vivem em nossos dias pertencem à mesma espécie e descendem da mesma fonte;

b) a divisão da espécie humana em raças é, em parte, convencional e arbitrária, não implica em hierarquia de qualquer ordem que seja. Numerosos antropólogos acentuam a importância da variabilidade humana, mas crêem que as divisões “raciais” têm interesse científico limitado e podem conduzir a uma abusiva generalização;

c) no estágio atual dos conhecimentos biológicos, não se poderia atribuir as realizações culturais dos povos a diferenças de potencial genético. As diferenças entre tais realizações explicam-se plenamente por sua história cultural. Os povos do mundo de hoje mostram possuir potenciais biológicos iguais, o que lhes permite atingir qualquer nível de civilização. O racismo falsifica grosseiramente os conhecimentos relativos à biologia humana”.

Deste modo, a ciência marxista obtém nesse aspecto importante vitória. O trabalho e o uso de instrumentos de trabalho permitiram as modificações físicas no ser humano, o desenvolvimento de sua mão e de seu cérebro, o aparecimento da linguagem falada, que criaram uma distinção essencial entre o homem e os outros animais. A produção material e não os fatores geográficos e biológicos — como tratam de fazer crer os sociólogos reacionários — representou o papel determinante no desenvolvimento do homem que é, em última instância, um ser social.

Com este trabalho, não pretendemos redigir um tratado de antropologia mas, tão-somente, fazer uma introdução às realidades econômicas e sociais do Daomé.

“As raças são, para a espécie humana, algo como as variedades em relação às espécies na sistemática zoológica.”

É evidente que o conjunto dos caracteres comuns distintivos do homem indica que todas as raças humanas atuais se encontram num mesmo grau elevado (em relação aos outros animais) de desenvolvimento da sua organização física.

Não se pode negar a existência das raças e as diferenças raciais. As raças humanas são o resultado do desenvolvimento histórico. A influência exercida pelas condições naturais sobre o desenvolvimento das raças humanas está fora de dúvida.

Estas condições naturais de vida, extremamente complexas, têm jogado um papel importante no aparecimento, formação, ate-

nuação e, diríamos mesmo, no desaparecimento dos caracteres raciais. Malgrado sua complexidade, elas não podiam, entretanto, jogar o seu papel com toda a intensidade conhecida no surgimento das espécies vegetais e animais. Com os homens primitivos dispersos na superfície da terra, as condições naturais de vida atuaram com grande intensidade. Concebe-se facilmente que elas perderam progressivamente sua importância devido ao aumento do papel dos fatores sociais. Os fenômenos sociais têm, por consequência, anulado, no desenvolvimento do homem, o papel da seleção natural de Darwin, válido para os animais e os vegetais.

As raças são, para a espécie humana, algo como as variedades em relação às espécies na sistemática zoológica.

“... desde já devemos rejeitar todas as teorias malthusianistas e social-darwinistas, racistas e reacionárias...”

Cada raça é caracterizada por sua unidade de origem, seu nascimento e sua formação em determinado território. A maior parte dos antropologistas coincide em dividir a humanidade atual em três grandes raças: a europóide, a negróide e a mongolóide que, por seu turno, se decompõem em pequenas raças. Distinguem-se ainda as subdivisões no seio das pequenas raças. E igualmente tipos de origem mista.

É preciso dizer que os agrupamentos raciais se caracterizam por uma forte variabilidade individual, e as demarcações entre as diferentes raças são geralmente intermediárias, assim como a unificação mais estreita do tipo corporal da humanidade e de suas raças. Hoje, pode-se afirmar que não existe em nenhuma parte do mundo “raças puras”.

O monogenismo do homem, cientificamente provado, a criação do homem pelo trabalho e o seu desenvolvimento histórico, onde predominam os fatores sociais, reforçam a tese de Marx e Engels segundo a qual as diferenças ráticas serão eliminadas pela evolução histórica da humanidade.

Daomé é um país de 112.000 quilômetros quadrados, na África negra, povoado essencialmente de negros, que se dividem geralmente em dois tipos: o sudanês e o guineense. Não é fácil distinguir estes dois tipos, na atual população do país, pelas características que se lhes atribui, em consequência de seu desenvolvimento histórico (trocas comerciais e culturais, migrações, mestiçagens etc.). As dificul-



dades de delimitação desses dois tipos provêm igualmente do fato de que as populações de Daomé mantêm desde longo tempo trocas comerciais e culturais com outros tipos e outras raças (europóide, principalmente portuguesa). Segundo nossa opinião, e o nosso conhecimento, as sub-raças na África não têm sido objeto de estudos sérios até agora. Sua classificação esquemática e sua localização comportam larga margem de incerteza. Pelas conclusões a que chegamos, podemos dizer que a população de Daomé é quase exclusivamente negroide. Uma coisa é certa — constitui parte da humanidade (3 milhões de seres) vivendo num território que se desdobra ao longo do Atlântico até o rio Níger.

Se a origem do povoamento de Daomé e de toda a África é ainda questão a ser aprofundada, desde já devemos rejeitar todas as teorias malthusianistas e social-darwinistas, racistas e reacionárias, tanto em antropologia como em sociologia. Os defensores do social-darwinismo afirmam que a luta pela vida aplica-se igualmente às sociedades humanas, disto deduzindo que sobrevivem os indivíduos fortes e bem adaptados enquanto sucumbem os fracos.

As teorias racistas, partindo de pretensa superioridade de certas raças em relação a outras, procuram legitimar a escravidão negra, a opressão colonial e a exploração imperialista dos povos das quais a população de Daomé continua a ser vítima.

A raça negra, em geral, tem sofrido com o racismo, particularmente com o europeu. Mas as outras raças conheceram elas também, esse sofrimento. É bastante citar o exemplo do racismo hitlerista, do qual os povos europeus foram vítimas. O fenômeno racista, se bem que passe, atualmente, por um claro recuo, possui sobrevivências e seqüelas sérias. Teorias confusas lhe servem de ponto de apoio. As noções de raça, de nação, de língua, de cultura são

confundidas, assim como os fenômenos biológicos, com os fenômenos sociais. Esta barafunda é extremamente prejudicial, dado que concorrem para transportar as desigualdades no desenvolvimento social para o plano biológico.

Se o racismo está ligado às diferenças biológicas objetivas, às diferenças raciais, devemos dizer que é, antes de tudo, o desenvolvimento desigual das sociedades que o tem engendrado. As teorias racistas são o reflexo deformado das desigualdades sociais no cérebro daqueles que as sustentam. Chega-se mesmo a ouvir de sábios burgueses declarações tais como: "Nós, homens de ciências exatas, somos uma raça à parte". E afirmam tão mísero pensamento com a maior seriedade.

Para nós, comunistas de Daomé, o homem tem um ascendente comum e, biologicamente, atingiu elevado desenvolvimento. Mas a existência das raças é um dado objetivo. O racismo, gerado pelo desenvolvimento desigual das sociedades, das classes e da luta de classes tornou-se uma chaga da humanidade. Fenômenos sociais como a opressão colonial, a exploração imperialista da qual nossos povos foram vítimas — e continuam a ser — não encontram absolutamente justificativa nas diferenças raciais. As teorias racistas foram inventadas para justificar e eternizar a dominação de alguns povos pelas potências estrangeiras. Estas teorias influenciaram negativamente os povos africanos em geral e os do Daomé, em particular, sendo a causa de alienações diversas do homem e cujos verdadeiros fundamentos precisam ser desvendados para que os possamos eliminar.

Desmascarando de todas as formas o racismo, pretendemos situar e resolver os problemas reais da sociedade daomeense, certos de que, sem complexos, daremos nossa contribuição à libertação da humanidade, da existência de classes, da luta de classes e de toda a alienação. ●

A Produção de Açúcar e Álcool na Região Campineira

Paulo César

*A agro-indústria canavieira se confunde com a própria história do país. Desde a colônia até os nossos dias, sempre teve destacado papel na nossa economia. Mudou com o tempo, evoluiu para formas mais sofisticadas de produção e exploração. Do escravo colonial ao **bóia-fria** de hoje, medeia uma longa história. Porém, a agro-indústria canavieira mantém traços comuns: a grande concentração das terras voltadas para essa produção; ser uma atividade intimamente dependente do mercado e de capitais externos. Com a recente **crise do petróleo** e a conseqüente busca de soluções alternativas para os combustíveis líquidos derivados do petróleo, surge o álcool carburante, como uma opção através do Pró-Alcool e, na esteira do incremento desse programa, começam a se produzir mudanças na agro-indústria canavieira. Este artigo procura retratar alguns aspectos dessas mudanças que se iniciam, ocorridas na região de produção do município de Campinas, São Paulo. Apesar de uma análise localizada, tem a força de ser exemplar, pois Campinas é uma das mais tradicionais regiões agrícolas do país e passa atualmente por intenso processo de mudança e adaptação a novas formas de exploração e dominação do capital monopolista nacional e estrangeiro.*

A região de Campinas (São Paulo) constitui um tradicional centro de produção agrícola, onde a cultura canavieira é a predominante há várias décadas. Centralizam-se aí grande parte dos instrumentos de apoio e financiamento à produção de cana e elevado número de usinas destinadas à transformação da cana em açúcar e álcool.

Hoje, cerca de 35% da produção canavieira é proveniente de pequenos proprietários de minifúndios. Este tipo de fornecedor já predominou nessa região, porém vem sofrendo todo tipo de pressões econômicas e seu número e participação no esquema produtivo diminuí acentuadamente. Há elementos para se afirmar que o processo de concentração da posse da terra caminha de maneira acelerada e que os grandes compradores de terras são, em geral, aqueles que monopolizam a transformação da cana, ou seja, os complexos usineiros, mais viáveis economicamente.

Influem de maneira decisiva neste processo os incentivos fiscais e a intervenção da política

governamental no setor, através do Pró-Alcool e de uma legislação e atos administrativos, por vezes sutis, como aquele que, em torno de 1972-73, desligou os critérios de cotas de fornecimento na safra e os títulos de propriedade da terra. Esta simples modificação nos Estatutos da Lavoura Canavieira permite que, atualmente, o possuidor da cota não precise, necessariamente, possuir o título de propriedade rural, ou seja, ele pode associar-se à Cooperativa dos Fornecedores de Cana, mesmo sem possuir terras para o plantio e pode "alugar" a sua cota a outra pessoa. Tal medida tornou-se fundamental para possibilitar a concentração de terras pelos grupos monopolistas que, de outra maneira, teriam de fornecer cotas fixas aos produtores. Hoje, com inúmeros "testas de ferro" basta um único monopólio para cumprir os requisitos do Estatutos da Lavoura Canavieira. A par de outros fatos, é direta a dedução acerca da necessidade de tais grupos monopolizadores do plantio e da transformação da cana contro-

larem politicamente a Cooperativa dos Fornecedoros de Cana que reúne cerca de 5 a 6 mil cotistas.

As necessidades de modernização e manutenção dos métodos de produção e de transformação da cana impuseram o estabelecimento de um centro industrial de apoio, de forma que a área campineira possui, também, um núcleo fabril nas atividades de metalurgia e alimentação, ao lado de uma indústria incipiente de papel (produzido com o bagaço da cana), de pequena importância no momento, pela baixa qualidade do produto. A produção canavieira, determinando necessidades precisas sobre a indústria de apoio, define o tipo de indústrias que se assentam na área. No ramo da metalurgia, da siderurgia, do material elétrico, as indústrias locais produzem, em geral, equipamentos agrícolas e de usinagem da cana ou acessórios para este tipo de equipamentos. As indústrias desse gênero reúnem um volume razoável de operários, considerando-se o tamanho da população do município. O número de empresas com mais de 1.000 operários também é significativo, quando comparado com outras cidades do mesmo porte no interior do nosso Estado.

“O número de empresas com mais de 1.000 operários também é significativo, quando comparado com outras cidades do mesmo porte no interior do nosso Estado.”

A penetração do capital estrangeiro, no setor metalúrgico, é recente, ou seja, começou a se dar há cerca de 5 anos e ocorre de duas maneiras: a nível do complexo de empresas que monopolizam a produção e a transformação da cana (usinas), e que controla a maior parte das indústrias metalúrgicas da região, e a nível das multinacionais “puras” instaladas na área, cuja produção industrial, em sua maior parte, também está voltada para o setor agrícola.

O complexo de empresas que monopolizam a produção e a transformação da cana era, até 3 anos atrás, propriedade exclusiva de uma oligarquia local (grupos familiares), porém ela associou-se ao capital japonês e ao americano (quase 50% do capital) e investe hoje em grandes projetos agroindustriais, no Estado e fora dele.

Tais transformações econômicas, que vêm ocorrendo a nível da propriedade da terra, das técnicas de plantio, da produção do álcool e do açúcar e da indústria complementar existente, provocaram mudanças na composição social

do município e, por conseguinte, mudanças na correlação de forças entre as classes.

A cidade de Campinas vem registrando um crescimento de cerca de 7% ao ano, portanto um crescimento populacional quase 3 vezes maior que o verificado, em média, em todo o Estado.

A migração dentro do município é bastante grande, no sentido campo-cidade e a chegada de migrantes de outras regiões do Estado e, principalmente, de outros Estados da Federação é enorme.

Ocorre, ainda, que as indústrias locais utilizam diariamente operários de muitas cidades vizinhas, que aqui trabalham, mas não moram.

É evidente que a importância crescente dada à produção do álcool-combustível, no plano nacional, acelerou, nos últimos 3 anos, as transformações econômicas e sociais que estamos relatando. Dentro do desenvolvimento capitalista brasileiro, a produção de cana tinha uma importância determinada e o processo de transformação já vinha ocorrendo há mais de 20 anos, no sentido aqui apontado. O recente destaque dado à produção do álcool, veio acelerar tais mudanças, instalando o que podemos chamar de ciclo econômico do álcool, sendo que alguns fatores observados nesta análise podem ter um caráter artificial, ou pelo menos transitório, na medida que dependem de uma influência externa, que pode terminar como começou, ou seja, bruscamente. Basta para isso que a tentativa de alternativa energética do álcool desestimule os interesses econômicos das classes que estão no poder. Isto, porém, não viria modificar profundamente as características aqui apontadas, uma vez que esta é uma área tradicional de plantio de cana e, portanto, de produção de açúcar e álcool, produtos que, há várias décadas, possuem um peso estável na produção agrícola e industrial do país.

No campo político regional, as transformações econômicas e sociais provocaram bruscas alterações na relação e na composição das classes sociais existentes. O camponês médio (lavrador que possui pequenas e médias extensões de terra) desta região, é um tipo tradicionalista e de índole conservadora. Suas perspectivas tradicionais foram sendo quebradas rapidamente em contato com os interesses do grande capital. Suas relações com as usinas, sempre mediadas pela Cooperativa, vieram sendo alteradas, de forma a acelerar



L. C. Leite

um processo de descapitalização progressivo, que em geral se traduz por endividamento e conseqüente perda da terra. Sem deixar de lado suas idéias conservadoras, sentem muito de perto o risco de perder o pouco que possuem, o que vem trazendo certo espírito de combatividade e de resistência, demonstrado pela tentativa de suspensão do corte da cana, esboçado há poucos meses atrás. Seu nível de organização é muito baixo e as possibilidades de luta contra o grande capital são ainda muito pequenas. O camponês mais jovem demonstra maior capacidade de luta, através de sua atuação dentro da Cooperativa, com propostas radicais em alguns momentos.

Na periferia da cidade, e principalmente em áreas bem determinadas, existem grandes contingentes de proletários rurais (os bóias-frias) que participam maciçamente do corte da cana e da colheita do algodão (segundo produto de cultura da região). Na entre-safra, os valentes têm sido utilizados no plantio e na limpa de

lavoura de cana, embora a absorção da mão-de-obra nestas atividades seja bem menor. O assalariamento do volante, sem nenhum vínculo empregatício, é preponderante e, via de regra, intermediado por um agente, que assume as empreitadas da mão-de-obra, bem como o transporte destes trabalhadores, definindo-se, assim, clientela específica em torno de cada empreiteiro. No geral, os volantes vivem em condições bastante adversas e precárias, embora exista na região um Sindicato de Trabalhadores Rurais, cuja atuação é muito restrita, inexpressivo o número de sindicalizados (comparando-se com o número total de trabalhadores da categoria) e lutando ainda com grandes dificuldades econômicas. O pagamento da diária oferecida ao volante, nesta safra, tem oscilado em torno de Cr\$ 130,00, totalizando uma remuneração mensal bem inferior à do salário mínimo, o que vem provocando grande descontentamento e desestimulando-os a aceitar novas empreitadas no trabalho.

Lima Barreto e a Militância Literária

Clóvis Moura

Neste artigo em homenagem ao centenário do nascimento de Lima Barreto, o autor destaca a criação de uma linguagem nova e o conteúdo social de seus romances como as maiores contribuições do escritor carioca à nossa literatura.

A emergência do nome de Lima Barreto no ano do centenário do seu nascimento, leva que se reconsidere uma série de conceitos e julgamentos relativos à sua atuação na época em que viveu como agente de crítica social e como escritor. Ao mesmo tempo, cabe uma reanálise da sua obra, seu situacionamento como escritor, a importância dos seus livros e a contribuição que deu numa articulação unitária homem-escritor à nossa cultura.

Lima Barreto é um escritor que foi colocado na penumbra deliberadamente pelos setores dominantes e privilegiados da indústria literária no Brasil. Era pobre, negro, anarquista e, por decorrência de tudo isto, anti-militarista. Sua obra, ao nosso ver, não é porém apenas a de um grande romancista, mas a de um escritor que criou uma nova linguagem para a novelística brasileira. Quero acentuar que, propositadamente, escrevi que ele conseguiu para o nosso romance uma nova linguagem e não um estilo novo. Até Lima Barreto a linguagem do Romance Brasileiro esbarrava em uma série de preconceitos, preconceitos que, até hoje, são perfilhados por muitos dos seus críticos, os quais, escolhendo como referencial básico de perfeição a obra de Machado de Assis, encontram **imperfeições** em tudo aquilo que, em Lima Barreto, era o transbordar do convencionalismo do linguajar que tinha as suas matrizes em Antônio Feliciano de Castilho, para poder expressar a riqueza de pensar e de agir do nosso povo. Esta posição inovadora de Lima Barreto não advinha, porém, como muitos de seus críticos apontam, de um menor adestramento seu como escritor ou insuficiente domínio da língua, mas, pelo contrário, era uma posição consciente, que refletia essencialmente a sua posição como homem e como artista em relação à realidade brasileira.

Nasceu Lima Barreto no Rio de Janeiro em 1881 e morreu em 1922. Nasceu em um subúr-



Clóvis Moura

bio, quando a cidade crescia, urbanizava-se, adquiria dimensões de grande urbe. O provincianismo da velha capital imperial era substituído pela visão francesa que as elites tinham do mundo. Após a abolição do tráfico de escravos africanos, em 1850, houve uma grande movimentação na aplicação de capitais de ex-traficantes em áreas que se dinamizavam, especialmente na região do café. O segundo Banco do Brasil foi fundado usando-se parte desses capitais imobilizados. Mauá, seu fundador, afirmará em sua autobiografia (que nada mais foi do que um relatório aos credores quando faliu) haver se aproveitado desses capitais, disponíveis e congelados após a extinção desse "ilícito comércio".

Com a extinção do tráfico, há uma dinamização surpreendente na economia brasileira.

Este dinamismo econômico do Rio de Janeiro, onde se centrava o eixo da vida financeira e administrativa do país, poderá ser comprovado com alguns dados suplementares. Por exemplo: segundo Castro Carreiro, de 1850 (ano da abolição do tráfico) a 1860, foram concedidos 71 privilégios industriais para a incorporação de 14 bancos de depósitos e descontos e alguns de emissão; criaram-se 3 caixas econômicas; organizaram-se 20 companhias de navegação a vapor, 23 companhias de seguros, 4 de colonização, 8 de estradas de ferro, 2 de rodagem, 4 de carris urbanos com tração animal, 8 de mineração, 3 de transportes e 2 de gás.

Evidentemente, nem todo este dinamismo era sinônimo de desenvolvimento autônomo da nossa economia. Os capitais estrangeiros já entravam agressivamente, apossando-se daquelas áreas de atividades mais lucrativas e estrategicamente interessantes. Lima Barreto, em várias partes do seu "Diário Íntimo" demonstra a sua inquietação e indignação quanto a essa penetração, fato que também é confirmado nos seus artigos de jornal. A velha Rio de Janeiro sonolenta e bocejante acorda para ganhar o tempo que a economia escravista a fez perder.

É neste período de transformação urbana que Lima Barreto toma consciência do mundo. E, com a sua sensibilidade, procura encontrar a maneira de articular em forma de linguagem literária, todos aqueles elementos novos de falar e de agir, pensar e atuar que surgiam. A genialidade de Lima Barreto está justamente em ser o escritor que, situando-se como artista no centro deste universo dinâmico e contraditório, conseguiu a síntese magnífica de representá-lo usando uma linguagem literária organicamente adequada a esse dinamismo.

Isto, porém, foi pouco compreendido até hoje.

Mesmo alguns críticos que se dizem compreensivistas em relação à obra de Lima Barreto não escapam a essa incompreensão. Procuram fazer comparação entre um Lima Barreto "desleixado" e um Machado de Assis que seria a maior organização de escritor de todos os tempos no Brasil. Tal equívoco foi rebatido pelo próprio Lima Barreto, quando escreveu: "sempre achei no Machado muita secura de alma, muita falta de simpatia, falta de entusiasmos generosos, uma porção de sestros pueris. Jamais o imitei e jamais me inspirou. Que me falem de Maupassant, de Dickens, de Swift. Até em Turgueneff, em Tolstoi, poderiam ir buscar os meus modelos;

mas em Machado, não! 'Le moi...' Machado escrevia com medo de Castilho e escondendo o que sentia, para não se rebaixar; eu não tenho medo da palmatória do Feliciano e escrevo com muito temor de não dizer tudo o que quero e sinto, sem calcular se me rebaixo ou se me exalto. Creio que é a grande diferença."

"... retrata os explorados com a ternura que tinha para com aquela população de subúrbios, formada na sua maioria de pardos e negros, desajustados e pobres..."

Nunca um escritor confessou que sua linguagem estava a serviço de uma verdade social com mais ênfase em nossa literatura. Vemos a consciência do escritor que colocava seu instrumental de comunicação a serviço de um pensamento e não de um formalismo literário, fruto de moda e ocasião. Não querer compreender isto é fugir de um dos problemas mais importantes para a valorização da sua obra. O escritor que procurava reformular a sua linguagem para poder dizer tudo aquilo que de novo, problemático e conflitante surgia na sociedade carioca da sua época, era considerado por isso mesmo pelos críticos de desmazelado na forma e incapacitado estilisticamente.

A partir desta incompreensão, passam a caracterizar Lima Barreto apenas por alguns aspectos temáticos da sua obra. Chamam-no, por isto, de **romancista urbano**, aquele que retratou a paisagem e os costumes do Rio de Janeiro. Isto é, caracterizam Lima Barreto por aquilo que é apenas o condicional e acidental, ou seja, o fato de ele escrever tendo como tema a cidade do Rio de Janeiro. No entanto, antes dele, Manoel Antônio de Almeida, com o seu pioneiro *Memórias de um Sargento de Milícias*, já havia retratado cenas e costumes do Rio e Joaquim Manuel de Macedo havia retratado a sua paisagem de forma romântica, sem falarmos nos romances do próprio Machado de Assis e de Alencar.

O que há de inovador, de acréscimo, nos romances de Lima Barreto em relação àqueles que o precederam? É que enquanto Manoel Antônio de Almeida retratava de forma magistral, diga-se de passagem, o Rio de Janeiro "no tempo do rei", como se fosse um etnógrafo, registrando os fatos, embora algumas vezes mostrasse o seu pensamento no decorrer do livro; Macedo retratasse um Rio de Janeiro romantizado e afrancesado e Machado de Assis jamais tivesse visto e sentido a paisagem carioca, Lima Barreto pegou, dessa

cidade que se desenvolvia, o seu drama humano, as suas contradições, seus conflitos, a expansão de uma cidade que, da forma como estava sendo feita, produzia nos seus habitantes do pólo oprimido o que poderíamos chamar de mutilações gritantes nas suas personalidades. Daí ter concentrado a sua ótica de romancista nas pessoas dos subúrbios; na mulher mestiça explorada pela sua situação social, sexual e de cor e no jovem que vem do interior e sente o choque com os valores da cidade que procura o **progresso** a qualquer custo. Há também os visionários, os utopistas e os críticos da situação política. Foram os exploradores e explorados, por isto, a argamassa do seu livro. Retrata os exploradores nos seus diversos aspectos — econômicos, sociais, políticos e psicológicos — dentro de um enquadramento em que fica implícito o seu pensamento crítico, e retrata os explorados com a ternura que tinha para com aquela população de subúrbios, formada, na sua maioria, de pardos e negros, desajustados e pobres que sofriam ainda o traumatismo da escravidão terminada recentemente. Aí está a grandeza de Lima Barreto como escritor. Viu o dinamismo do crescimento da cidade não como uma adição de mais casas, prédios, bancos, ruas ou veículos de comunicação, mas como um processo tortuoso e doloroso de urbanização, no qual os oprimidos estavam pagando um preço muito alto: construíam a cidade e eram expulsos dos espaços construídos.

Por exemplo, no *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (seu livro de estréia), escrito na primeira pessoa, diz o personagem central: “foram de imensa angústia esses meus primeiros dias no Rio de Janeiro. Eu era como uma árvore cuja raiz não encontra mais terra em que se apóie e donde tire vida; era como um molusco que perdeu a concha protetora e que se vê a toda hora esmagado pela menor pressão.”

“Oprimido com uma antevisão de misérias a passar, de humilhações a tragar, o meu espírito deformava tudo o que via. Os menores fatos que lhe caíam ao alcance, eram aumentados de um lado, diminuídos de outro; fazia-se outra coisa muito diversa para minha sensibilidade enfermiça que a imaginação guiava para sentir todos os terrores e ameaças.”

Onde está o deslumbramento do recém-chegado à “Cidade Maravilhosa”? Pelo contrário. Isaías Caminha, que era além de tudo mestiço, antevia, já, as situações que teria que enfrentar naquele mundo rigidamente estratificado, cheio de conivências e interesses.



Lima Barreto, caricatura de 1919.

Este choque causado no personagem é de uma precisão notável. Mostra como a nova realidade urbana, ao invés de criar um entusiasmo pueril em quem chegava, pelo contrário, criava um clima de insegurança e medo de enfrentá-la. Este estado de espírito é que o levou a dizer logo depois: “Oh, quantas vezes não apelei para o Acaso, para o Milagre! Quantas! Os deuses vinham-me ao pensamento com o seu indispensável cortejo de fadas e de anjos...”

A trajetória do personagem, cheia de vicissitudes, não cabe ser resumida aqui, mas, no final da ação, ele aparece vitorioso, jornalista e economicamente próspero. Mas a que preço?... Lima Barreto consegue conduzir magistralmente a transformação interior do personagem à medida que as situações sociais se modificam. Agora, Isaías Caminha era um jornalista a serviço de patrões poderosos. Mas ele, depois de recusar subir no apartamento de uma mulher que lhe fora praticamente oferecida pelo patrão, sai pensando: “Vim vagamente a pé até ao Largo da Carioca, sem seguir meu pensamento. Vinha triste e com a inteligência funcionando para todos os lados. Sentia-me sempre desgostoso por não

ter tirado de mim nada de grande, de forte e ter consentido em ser um vulgar assecla e apaniguado de um outro qualquer. Tinha outros desgostos, mas esse era o principal. Por que o tinha sido? Um pouco devido aos outros e um pouco devido a mim". E o romance termina praticamente.

Em outro dos seus romances, Lima Barreto procura retratar os problemas da cidade através de um personagem misto de filósofo e crítico social: M.J. Gonzaga de Sá. Tudo se passa como se o personagem falasse pelo registro que o seu biógrafo, Augusto Machado, conseguiu reproduzir na sua biografia. Nos passeios que tinha com o seu biógrafo, Gonzaga de Sá fazia deslizar a problemática do Rio de Janeiro. Ela desliza num misto de ironia e crítica. Nada de caricatural, como pretendem alguns dos seus críticos. Lima Barreto não caricaturou, mas, pelo contrário, soube, para situar simbolicamente o momento carioca, escolher como personagens pessoas existentes. Mas, no romance, todas elas foram recriadas de tal forma que ficaram com símbolos das mazelas de uma época: das suas discriminações e dos seus privilégios. Gonzaga de Sá está com o amigo quando passa por eles o Barão do Rio Branco, ao que ele exclama: "Este Juca Paranhos (era outro modo dele tratar o Barão do Rio Branco) faz do Rio de Janeiro a sua chácara... Não dá satisfação a ninguém... Julga-se acima da Constituição e das leis... Distribui o dinheiro do Tesouro como bem entende... É uma espécie de Roberto Walpole... O seu sistema de governo é a corrupção... Mora em um palácio do Estado sem autorização legal; salta por cima de todas as leis e regulamentos para prover nos cargos do seu Ministério os bonifantes que lhe caem na graça. Em falta de complicações diplomáticas, ele as cria, para mostrar o seu atilamento de Tayllerand ou a sua astúcia bismarqueana. É um autocrata, um quediwa, porque isto é bem um futuro Egito..."

"... projetava o personagem que era representativo daquele modo de viver, do meio, das situações particulares e dos dramas da época."

Onde a caricatura, no caso? Pelo contrário, usando a pessoa do Barão do Rio Branco, ele criou um **tipo** encontrável até hoje na nossa sociedade. Partindo do particular para o geral, Lima Barreto sintetizou aquilo que é fundamental na pessoa e transformou-a em um **tipo**

literário que expressa toda uma categoria social e política. Não fez caricatura, fez síntese.

Em outros romances usa o mesmo processo de recriação e de síntese usando um personagem real, fato que determinou a que muitos críticos, por simpatia àqueles que serviram de matrizes à criação desses tipos literários, atacassem Lima Barreto, tachando-o de caricatural e dogmático. Quando, em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* usa o mesmo processo com a pessoa de Floriano Peixoto, foi igualmente combatido.

Quaresma havia mandado a Floriano um memorial com os pontos de vista que, segundo ele, poderiam salvar o Brasil. Finalmente um dia encontra-se com o Marechal:

— V. Ex já leu o meu memorial, Marechal?

Floriano respondeu lentamente, quase sem levantar o lábio pendente:

— Li.

Quaresma entusiasmou-se:

— Vê V. Ex como é fácil erguer este país. Desde que se cortem todos aqueles impecilhos que eu aponte, no memorial que V. Ex teve a bondade de ler; desde que se corrijam os erros de uma legislação defeituosa e inadaptável às condições do país, V. Ex verá que tudo isto muda, que em vez de tributários, ficaremos com a nossa independência feita... Se V. Ex quizesse...

— Mas pensa você, Quaresma, que eu hei de pôr enxada na mão de cada um desses vadios?! Não havia exército que chegasse...

Quaresma espantou-se, titubeou, mas retorquiu:

— Mas não é isso, Marechal. V. Ex com o seu prestígio e poder, está capaz de favorecer, com medidas enérgicas e adequadas, o aparecimento de iniciativas, encaminhar o trabalho, de favorecê-lo e torná-lo remunerador... Bastaria, por exemplo...

Atravessaram um portão da velha quinta de D. Pedro I. O luar continuava lindo, plástico e opalescente. Um grande edifício inacabado que havia na rua, parecia terminado com vidraças e portas feitas com a luz da lua. Era um palácio de sonho.

Floriano já ouvia Quaresma muito aborrecido. O bonde chegou; eles se despedia do Major, dizendo com aquela sua placidez de voz:

— Quaresma, você é um visionário..."

E de fato o era: Policarpo Quaresma termina sendo fuzilado, por ordem de Floriano Peixoto, no Boqueirão, para onde foram enviados os derrotados da revolta de Saldanha da Gama.

A visão utópica do personagem era colocada, pelo autor, entre uma sincronia com o seu pensamento e uma distância para que o criador não mutilasse a desenvoltura autônoma da criação. Com Floriano, novamente Lima Barreto transforma-o em uma síntese, um tipo literário até hoje válido. Não houve caricatura, também, mas um poder de síntese, a partir de uma pessoa para a criação de um personagem.

Por outro lado, a sua ficção, como já disse antes, através de uma linguagem reelaborada, mas seguindo o ritmo e certos componentes sintáticos do falar carioca da época, não apenas retratava, como o fazia Manuel Antonio de Almeida, mas projetava o personagem que era representativo daquele modo de viver, do meio, das situações particulares e dos dramas da época. Daí nós vemos Policarpo Quaresma ir ficando cada vez mais ilhado, abandonado e hostilizado na defesa da sua utopia urbana e agrária, até morrer tragicamente. O romance tinha de terminar como tragédia onde o componente político se dilui ou se incorpora à tragédia do herói solitário e que, por isto mesmo, não tinha condições de elaborar uma proposta de nova ordenação social que não fosse utópica. Mas, dentro desta utopia estavam embutidos elementos de realidade e de crítica. Lima Barreto, ainda no *Policarpo Quaresma* pinta o despertar da consciência crítica de uma das suas personagens sobre o problema agrário.

Olga, uma personagem do romance, encontra-se em um lugarejo e trava diálogo com um trabalhador rural.

“Olga encontrou o camarada cá em baixo, cortando a machado as madeiras mais grossas; Anastácio estava no alto, na orla do mato, juntando a ancinho as folhas caídas. Ela lhe falou.

— Bons dias, **sá dona**.

— Então trabalha-se muito, Felizardo?

— O que se pode.

— Estive ontem no Carico, bonito lugar...

— Onde é que você mora, Felizardo?

— É doutra banda, na estrada da vila.

— É grande o sítio de você?

— Tem alguma terra sim senhora, **sá dona**.

— Você por que não planta para você?

— **Qua sá dona!** O que é que a gente come?

— O que plantar ou aquilo que a plantação der em dinheiro.

— **Sá dona** tá pensando uma coisa e a coisa é outra. Enquanto planta cresce, e então? **Quá sá dona**, não é assim.

Deu uma machadada; o tronco escapou; colocou-o melhor no poador e, antes de desferir o machado, ainda disse:

— Terra não é nossa... E **fromiga?** Nós não tem ferramenta ... isto é bom para italiano e

alamão, que governo dá tudo... Governo não gosta de nós...

E a terra não era dele? Mas de quem era então, tanta terra abandonada que se encontrava por aí? Ela vira até fazendas fechadas, com as casas em ruínas... Por que esse acaparamento, esses latifúndios inúteis e improdutivos?”

Como podemos ver, Lima Barreto estabelece um diálogo entre dois personagens — um camponês e uma senhora pequeno-burguesa — e desse diálogo surge o pensamento reflexivo de Olga sobre o problema que a exposição da realidade da agricultura descrita pelo personagem camponês lhe provocou. E a personagem Olga sai pensando, pela primeira vez, na existência do problema da terra no Brasil. Esta reflexão de Olga, adquirindo já consciência crítica, surge do conhecimento da realidade de forma direta e a conseqüente reflexão feita sobre a exposição do camponês. Antes, ela já havia tomado o primeiro contato com a realidade rural. “O que mais a impressionou no passeio foi a miséria geral, a falta de cultivo, a pobreza das casas, o ar triste, abatido da gente pobre. Educada na cidade, ela tinha dos roceiros idéia de que eram felizes, saudáveis e alegres. Havendo tanto barro, tanta água, porque as casas não eram de tijolos e não tinham telhas? Era sempre aquele sapé sinistro e aquele “sopapo” que deixava ver a trama das varas, como o esqueleto de um doente. Por que ao redor dessas casas não havia culturas, uma horta, um pomar?”

A resposta a essas indagações ela encontra na exposição que o camponês faz diretamente da sua situação. Embora ao deixá-lo continue interrogando, estabeleceu a dúvida sobre a justiça daquela realidade.

2

Já dissemos que Lima Barreto nasceu em 1881 e faleceu em 1922. Durante esse período, dois acontecimentos fundamentais para o mundo foram por ele observados: a primeira Grande Guerra e a Revolução Bolchevique. Esses dois acontecimentos, é interessante notar, não aparecem em primeiro plano nos seus romances. — No entanto, é no seu *Diário Íntimo* e nos seus artigos de jornal que ele manifesta o seu pensamento sobre esses fatos. Embora não se possa admitir que ele fizesse isto deliberadamente, o certo é que prefere refletir na sua obra de ficção dois outros acontecimentos, esses de âmbito nacional: a Abolição e a República. Talvez por esta razão tenha projetado, em 1903 escrever a *História da*

Escravidão Negra no Brasil e a Sua Influência na Nossa Nacionalidade, obra que ficou apenas no projeto. No ano seguinte, elabora outro projeto, registrado no seu *Diário Íntimo*. O seu esboço era o seguinte: Tibau, seu personagem central, é filho de mãe solteira, abandonado pelo pai. Ela educa o filho com grande dificuldade. Ele chega a estudar medicina, mas é obrigado a abandonar o curso no terceiro ano. Vai lecionar História do Brasil, mas como não tinha nenhum título de doutor, o diretor consegue-lhe um de Major da Guarda Nacional. Recebendo inesperadamente a herança de um avô, Tibau funda uma sociedade de folclore que se destinava a recolher contos, tradições e a nossa poesia popular. Por não ter título de doutor é debicado por jornalistas, poetas e estudantes. Morre numa estalagem às 7 horas da noite, estalagem a que se recolhera com um preto velho, o Nicola, que fazendo ganhos, ia-o fazendo viver.

“Lima Barreto, (...) procurava uma linguagem dinâmica e inusitada para projetar o seu pensamento...”

Nesta época, Lima Barreto estava muito preocupado com o problema do negro no Brasil, preocupação, aliás, que nunca o abandonou.

Escrevia, por isto, no seu *Diário Íntimo*: “É triste não ser branco”, com isto revelando (e denunciando) todas as barreiras sociais e raciais que uma falsa **democracia racial** estabeleceu contra a comunidade negra no Brasil. Ainda no *Diário Íntimo* assim se refere a José do Patrocínio, por muitos considerado o **Tigre da Abolição**: “Quem conheceu o Patrocínio como eu o conheci, lacaio de todos os patoteiros alugado a todas as patifarias, sem uma forte linha de conduta nos seus atos e nos seus pensamentos, não acredita que pudesse ter sido, como dizem, o **Apóstolo da Abolição**. Necessariamente, ele se serviu da coisa como um meio de arranjar facilmente dinheiro, explorou-a em seu proveito, na parte pecuniária e na parte gloriosa. Isso ele o fez com o máximo interesse e a máxima baixez. Eu sei bem que baixos móveis levam a altas coisas, mas isso não se deu com o Patrocínio”.

“A Lei de 13 de Maio vinha de longe; era a convicção da nação a injustiça da escravidão, não precisava de jornalistas nem evangelizadores para mostrar-lhes a injustiça”.

Mas, exatamente para ter um órgão no qual pudesse veicular as suas idéias e daqueles que não freqüentavam as rodas literárias domi-

nantes, funda, em fins de 1907, a revista *Floreal*.

Surge a publicação com as primeiras agitações grevistas no Rio de Janeiro. A exemplo do que acontecia em São Paulo, quando operários anarquistas e intelectuais se uniam para a edição de jornais políticos, no Rio de Janeiro a mesma coisa aconteceu. Como diz Francisco de Assis Barbosa “no Rio de Janeiro os agitadores também se unem aos literatos. Há uma pequena imprensa libertária, impulsionada por um operário, Mota Assunção, e por um alferes do Exército, Joel de Oliveira, que conta com o apoio entusiástico dos intelectuais. Fábio Luz e Elísio de Carvalho, entre outros. Foi este contato que possibilitou, sem dúvida, a criação da Universidade Popular, de vida efêmera, e mais tarde o I Congresso Operário”.

Na apresentação da nova revista, escrita por Lima Barreto, os seus fundadores colocavam-se contra as “injunções dos mandarinos literários aos esconjuros dos preconceitos, aos formulários das regras de toda a sorte, que nos comprimem de modo tão insólito no momento atual.”

No entanto, como era de prever-se, a empresa fracassou e a revista tirou apenas quatro números.

Com a guerra 1914-1918, Lima Barreto, já mais amadurecido, escreve contra a hecatombe. Inicialmente, adere à Liga dos Aliados, mas, logo depois, refaz a sua posição apoiando a posição dos anarquistas. E começa um período de denúncias. No *Correio da Noite* escreve um artigo intitulado *O Patriotismo*, e, em carta a um amigo: “As nossas atuais pátrias não têm outra base senão na política que, desde a Renascença, tem determinado e regulado toda a nossa atividade. Desde que percamos essa ilusão de governo, elas não terão mais razão de ser. Nós, às vezes, nos fazemos fortes, porque temos um mais forte que nos desafia, que nos insulta. É o que está acontecendo comigo, nesta questão de pátria. Enquanto estiver de pé a estúpida agressão alemã, para as idéias (ilegível) do domínio universal e a falsidade americana, com os seus desejos de açambarcamento brutal da América, eu não entrarei na liça para combater os patriotas. A pátria me repugna, Avelino, porque a pátria é um sindicato de políticos e argentários universais, com os escutas em todo o mundo, para saquear, oprimir, tirar o couro e o cabelo dos que acreditam na honra, no trabalho, na religião e na honestidade”. O documento é de 1916.

Este desabafo violento de Lima Barreto mostra como intuitivamente ele compreendia a Guerra de 1914-1918 como uma guerra entre

imperialismos e, por isto, preferia ficar neutro. No entanto, não demonstra, como poderá parecer, nenhum nihilismo político porque, em 1919, escrevia: "Eu que me julgo muito pouco patriota, não desejo absolutamente ver o Brasil humilhado e estrangulado por outra pátria. Quero que não seja nenhuma, mas, desde que se trate de humilhação, rebaixamento do Brasil, por qualquer país, eu sou brasileiro".

Complementando esta sua posição, combatera o serviço militar obrigatório desde a mocidade, ao tempo em que Olavo Bilac saía em pregação recomendando-o aos jovens brasileiros. Lima Barreto, ao contrário da maioria dos intelectuais da sua época, era anti-militarista. O seu anti-militarismo está sintetizado — em relação ao Brasil — neste registro de seu *Diário Íntimo*: "Os oficiais do Exército no Brasil dividem com Deus a onisciência e com o Papa a infalibilidade".

Lima Barreto, a partir de 1915 detém-se em analisar os problemas internos do Brasil em diversos jornais. No *Correio da Noite* daquele ano escreve que "O nosso regime atual é da mais brutal plutocracia, é da mais intensa adulação aos elementos estranhos, aos capitalistas internacionais, aos agentes de negócios, aos charlatães tintos com uma sabedoria de pacotilha".

Dois anos depois, investe contra o ministro da Agricultura José Bezerra e escreve contra ele no jornal *ABC* "O açúcar (o ministro havia sido acusado de haver provocado a alta do produto), produção nacional, a mais nacional que há, que é vendida aos estrangeiros por 6\$000 a arroba, é vendida aos retalhistas brasileiros por 10\$000. Sabem quem é o chefe de semelhante bandalheira? É o Zé Rufino Bezerra Cavalcanti".

Em 1917, escrevia um artigo intitulado *Sobre a Carestia*, pouco tempo depois do governador paulista Altino Arantes haver tomado medidas terroristas contra os grevistas. Dizia entre outras coisas: "A nossa República, com o exemplo de São Paulo, se transformou no domínio de um feroz sindicato de argentários cúpidos, com os quais só se pode lutar com armas na mão. Deles saem todas as autoridades; deles são os grandes jornais; deles saem as graças e os privilégios; e sobre a Nação eles teceram uma rede de malhas estreitas, por onde não passa senão aquilo que lhes convém. Só há um remédio: é rasgar a rede à faca, sem atender a considerações morais, religiosas, filosóficas, doutrinárias, e de qualquer natureza que seja".

Mas, Lima Barreto volta ao assunto comentando a expulsão do país dos grevistas de São Paulo, na sua maioria estrangeiros, depois do

Supremo Tribunal Federal haver-lhes denegado **habeas corpus**. Diz ele: "Tais fatos que são de ontem, não têm sido concatenados por todos, nem tampouco combatidos a devido tempo; e, se o fossem, não teriam certamente os doges de São Paulo conseguido o que desejavam, isto é, obter um total domínio sobre os poderes políticos do país, de modo a coroar a sua nefasta e atroz ditadura com a decisão de 6 do corrente, do Supremo Tribunal, negando **habeas corpus** aos infelizes do *Curvelo*, rasgando a Constituição, obscurecendo um dos seus artigos mais simples e mais claros, com farisáicas sutilezas de doutores de escolásticas e o tácito e suspeito apoio de quase toda a imprensa carioca, sem um protesto corajoso no Congresso, realizando-se toda essa vergonha, todo esse rebaixamento da independência dos magistrados perante o povo "bestializado", calado de medo ou por estupidez, esquecido de que a violência pode, amanhã, voltar-se contra um qualquer de nós, desde que tal sirva à plutocracia paulista e ela o exija."

Mas, sobre política internacional, a radicalização de Lima Barreto é progressiva. Após a revolução bolchevique, passa a intitular-se **maximalista**. Em maio de 1918 publica um artigo onde expõe as suas idéias terminando com um *Ave Rússia!*

Propõe, então, quatro pontos para a revolução social no Brasil: revisão dos fundamentos da propriedade; confisco dos bens de certas sociedades religiosas; riscar do Código Civil o direito de testar; e a implantação do divórcio. Nesse mesmo artigo escreve que "a propriedade é social e o indivíduo só pode e deve conservar, para ele, de terras e outros bens, tão-somente aquilo que precisar para manter a sua vida e de sua família, devendo todos trabalhar da forma que lhes for mais agradável e o menos possível, em benefício comum."

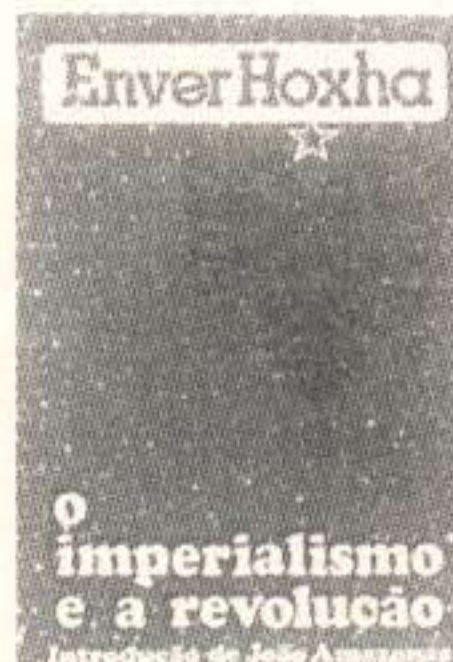
Lima Barreto, conforme tentamos mostrar no início deste artigo, procurava uma linguagem dinâmica e inusitada para projetar o seu pensamento e isto levou a que muitos críticos desavisados vissem nisto um desleixo de forma ou incapacidade estilística. Mas, ele, ao incorporar a rítmica do falar de nosso povo à sua linguagem, não desarticulou o seu estilo, mas articulou uma linguagem literária nova para expressar um pensamento também novo. Tudo isto ele o fazia inconscientemente, pois, como disse no artigo que escreveu apresentando a revista *Floreal* de forma enfática: "Burros ou inteligentes, geniais ou medíocres, só nos convenceremos de que somos uma ou outra coisa, indo ao fim de nós mesmos, dizendo o que temos a dizer, com a mais ampla liberdade de fazê-lo".

Publicações da Editora Anita Garibaldi

O IMPERIALISMO E A REVOLUÇÃO

Com este livro de Enver Hoxha, líder do Povo albanês, temos em mãos uma poderosa arma de combate. Nele, o autor examina, em todos os seus aspectos, o desenvolvimento da luta de classes no mundo de hoje. Revela os planos dos exploradores, desmascara as teorias oportunistas, delinea a estratégia e a tática revolucionária dos povos.

PREÇO POR EXEMPLAR: CR\$ 400,00 — Formato 13,0 x 19,5 cm — Capa Plastificada — 404 páginas.



Princípios



PRINCÍPIOS

Princípios é uma revista trimestral que apresenta assuntos teóricos, políticos e de informação. Aborda, de maneira criadora, a pesquisa científica particularmente no campo social e do movimento operário, bem como temas como a História, a crítica-literária, o progresso da humanidade e da sociedade brasileira.

Preço por Exemplar: Cr\$ 150,00 — Assinatura Anual (4 números): Cr\$ 600,00 — Formato: 19 X 27,5 cm — 48 páginas.

FARABUNDO MARTÍ, HERÓI DO POVO DE EL SALVADOR

Este livro apresenta a biografia de Farabundo Martí, herói de El Salvador, bem como a luta revolucionária do povo deste país centro-americano nas décadas de 20 e 30. Fuzilado em decorrência de seus ideais revolucionários, Farabundo Martí empresta hoje o nome à Frente de Libertação que dá continuidade à luta do povo salvadorenho pela independência nacional e o progresso social.

Preço Por Exemplar: Cr\$ 90,00 — Formato: 15,0 x 21,0 cm — 32 páginas.

FARABUNDO
MARTÍ
Herói do Povo
de El Salvador

Peço enviar-me as publicações abaixo assinaladas. Para tanto, estou enviando o cheque n.º _____, no valor de Cr\$ _____ em nome da Editora Anita Garibaldi Ltda. Rua Beneficência Portuguesa, 44 - Conj. 206 - São Paulo - SP - Cep: 01033.

- . . . exemplar(es) do livro O IMPERIALISMO E A REVOLUÇÃO — Enver Hoxha.
 . . . assinatura(s) anual(ais) (4 números) da revista PRINCÍPIOS.
 . . . exemplar(ês) do livro FARABUNDO MARTÍ, HERÓI DO POVO DE EL SALVADOR.

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

BAIRRO: _____ CIDADE: _____

ESTADO: _____ CEP: _____ FONE: _____

A Social-Democracia, Instrumento do Capitalismo

“... a social-democracia contemporânea apresenta-se como um movimento de caráter burguês no seio do proletariado, tentando esquivar a solução revolucionária. Arma de engodo e divisão dos trabalhadores, tem por base social a aliança de uma parte dos operários (em geral da aristocracia semipequeno-burguesa da classe operária) com a burguesia, contra os interesses fundamentais do proletariado.”

* * *

“Tentativa mais séria ocorreu nos fins dos anos 50, com o abandono pelo partido, dirigido por Luiz Carlos Prestes, das posições revolucionárias do marxismo-leninismo e a aceitação das teses revisionistas do PCUS. Esse partido converteu-se, objetiva e subjetivamente, numa organização de tipo- social-democrata.”

* * *

“No Brasil, o social-democratismo encontrou dificuldades para se estruturar. Não porque inexistisse a concepção reformista da luta social, mas por carência de certas condições objetivas. As tentativas empreendidas malograram. Atualmente, procura implantar-se no país, em especial através do intitulado Partido dos Trabalhadores que, apesar do nome, não representa os interesses básicos do proletariado”. (...) “Seu objetivo principal, como o da social-democracia em toda a parte, é desviar o proletariado da luta revolucionária, da luta pelo socialismo científico, impedir sua unidade e dificultar o avanço na formação da sua consciência de classe. Tenta fazer sombra ao PC do Brasil, cuja autenticidade é negada pela cúpula dirigente desse agrupamento pretensamente proletário”.

* * *

Do artigo *A Social-Democracia, Instrumento do Capitalismo*, de João Amazonas - Página 3.